

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

Taciane Gabriela Jeske

**“ISSO AQUI É UM SONHO!” - PERCEPÇÕES E POSSIBILIDADES  
ACERCA DE MORADIAS COLABORATIVAS DESTINADAS À PESSOA  
IDOSA NO BRASIL**

Santa Maria, RS  
2021

**Taciane Gabriela Jeske**

**“ISSO AQUI É UM SONHO!” - PERCEPÇÕES E POSSIBILIDADES ACERCA DE  
MORADIAS COLABORATIVAS DESTINADAS À PESSOA IDOSA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Linha de Pesquisa: Sociedade, Envelhecimento e Saúde do Idoso, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Gerontologia.**

Orientadora: Monalisa Dias de Siqueira

Santa Maria, RS  
2021

**Taciane Gabriela Jeske**

**“ISSO AQUI É UM SONHO!” - PERCEPÇÕES E POSSIBILIDADES ACERCA DE  
MORADIAS COLABORATIVAS DESTINADAS À PESSOA IDOSA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Linha de Pesquisa: Sociedade, Envelhecimento e Saúde do Idoso, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Gerontologia.**

---

**Monalisa Dias de Siqueira, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Miriam Cabrera Corvelo Delboni, Dra. (UFSM)**

---

**Silomar Ilha, Dr. (UFN)**

Santa Maria, RS  
2021

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais Susane e Rogerio, que vieram da simplicidade e me ensinaram a valorizar as pequenas e boas coisas da vida!  
E ao meu irmão Gustavo, que me dá forças para continuar, mesmo com a saudade sempre presente.*

*Vocês são a minha força e meu orgulho.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha família pelo apoio e incentivo, desde os primeiros passos de minha caminhada. É imensurável o amor e o respeito que tenho por vocês.

As minhas avós, Ilsi e Amélia, por serem as inspirações para minha paixão.

Aos meus amigos que entenderam as minhas ausências e mesmo assim compartilharam seus momentos de alegria comigo, especialmente Karen, Priscila e Wagner.

Ao meu companheiro Dustin, que me sustentou em muitos momentos, agradeço o apoio e o incentivo.

Aos meus colegas de mestrado, que viveram essa experiência ao meu lado, e especialmente minha amiga e colega Deise Iop Tavares, por nunca me deixar desistir.

A minha querida e eterna professora, Tereza Cristina Blasi, que me estendeu a mão e me ajudou a trilhar o caminho até aqui.

Ao professor Marco Aurélio de Figueiredo Acosta, por me orientar sempre que pode, acreditar em mim e me oportunizar conhecer os nossos velhos, que são nosso orgulho.

A minha orientadora, Monalisa Dias de Siqueira, pela confiança, força e tranquilidade que sempre transmitiu, mesmo nos momentos mais difíceis até aqui, não existem palavras que sejam suficientes para agradecer.

Aos professores Miriam Cabrera Corvelo Delboni, Silomar Ilha e Gustavo de Oliveira Duarte pela disponibilidade em compor a banca examinadora, compartilhando seus vastos conhecimentos e experiências.

A cada idoso que tem orgulho de ser quem é.

A Universidade Federal de Santa Maria e a todos os professores do mestrado que contribuíram para minha formação.

A cada participante da pesquisa, que cedeu parte do seu tempo para participar deste estudo.

Deixo meu agradecimento a todos que tornaram possível a realização desta dissertação.

Envelhecer  
Arnaldo Antunes

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer  
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer  
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer  
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver  
Como será que deve ser envelhecer  
Eu quero é viver pra ver qual é  
E dizer venha pra o que vai acontecer

Eu quero que o tapete voe  
No meio da sala de estar  
Eu quero que a panela de pressão pressione  
E que a pia comece a pingar  
Eu quero que a sirene soe  
E me faça levantar do sofá  
Eu quero pôr Rita Pavone  
No ringtone do meu celular

Eu quero estar no meio do ciclone  
Pra poder aproveitar  
E quando eu esquecer meu próprio nome  
Que me chamem de velho gagá

Pois ser eternamente adolescente nada é mais demodé  
Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer  
Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender  
Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr

Não quero morrer pois quero ver  
Como será que deve ser envelhecer  
Eu quero é viver pra ver qual é  
E dizer venha pra o que vai acontecer

## RESUMO

### “ISSO AQUI É UM SONHO!” - PERCEPÇÕES E POSSIBILIDADES ACERCA DE MORADIAS COLABORATIVAS DESTINADAS À PESSOA IDOSA NO BRASIL

AUTORA: Taciane Gabriela Jeske  
ORIENTADORA: Monalisa Dias de Siqueira

Em 2014, estruturou-se o primeiro condomínio público de moradias colaborativas para pessoas idosas no Brasil. A experiência pioneira, que visa oferecer uma moradia digna a idosos de baixa renda, localizada na cidade de João Pessoa- Paraíba. Na cidade de Santa Maria – Rio Grande do Sul, um grupo de pessoas, inspirados pela ideia, deu início a criação de um condomínio nos mesmos moldes, de iniciativa privada, mas ambos destinados ao mesmo público, as pessoas idosas de baixa renda. Esta pesquisa teve como objetivo, compreender as percepções sobre o modelo de moradia para a longevidade denominado *cohousing* a partir dos seus (futuros)residentes, funcionários e idealizadores; e conhecer as aspirações de pessoas idosas com intenção de residir nesse tipo de local, levando em consideração o interesse em implantá-las em outras cidades do Brasil, tendo assim uma opção de habitação para o idoso independente. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com roteiro desenvolvido pela pesquisadora, através de aplicativos de mensagens instantâneas, respeitando o Isolamento Social orientado pela Organização Mundial da Saúde, devido Pandemia por Covid-19. Todas as entrevistas, foram registradas por meio de gravador, sendo posteriormente transcritos para realização de um relatório de análise de conteúdo, proposto por Bardin (2011). Os resultados demonstraram que este modelo de moradia colaborativa também é identificado como uma “cohousing”, sendo seus princípios e benefícios semelhantes. Constatou-se que os idosos que vivem em moradias colaborativas, relataram mudanças significativas na qualidade de vida, o que foi confirmado através dos relatos dos funcionários do local, e que as motivações para se implementar a ideia em outros locais, são semelhantes as percepções das pessoas idosas que já residem nesse modelo de moradia. Os idealizadores do projeto tomaram como base o Cidade Madura e suas próprias preocupações com o processo de envelhecimento, já os futuros residentes conseguiram pensar suas experiências atuais e vislumbrar um futuro com mais segurança, tranquilidade, saúde e respeito.

**Palavras-Chave:** Envelhecimento. Moradias Colaborativas. Habitação para idosos. Gerontologia.

## ABSTRACT

### “THIS IS A DREAM!” - PERCEPTIONS AND POSSIBILITIES ABOUT COLLABORATIVE DWELLINGS FOR ELDERLY PEOPLE IN BRAZIL

AUTHOR: Taciane Gabriela Jeske  
ADVISOR: Monalisa Dias de Siqueira

In 2014, the first public condominium of collaborative housing for the elderly was structured in Brazil. The pioneering experience, which aims to provide decent housing for low-income seniors, located in the city of João Pessoa- Paraíba. In the city of Santa Maria – Rio Grande do Sul, a group of people, inspired by the idea, started the creation of a condominium along the same lines, by private initiative, but both aimed at the same public, low-income elderly people. This research aimed to understand the perceptions about the housing model for longevity called cohousing from its (future) residents, employees and creators; and knowing the aspirations of elderly people with the intention of living in this type of place, taking into account the interest in implementing them in other cities in Brazil, thus having a housing option for the independent elderly. This is an exploratory, descriptive research with a qualitative approach. Semi-structured interviews were conducted with a script developed by the researcher, through instant messaging applications, respecting the Social Isolation guided by the World Health Organization, due to the Pandemic by Covid-19. All interviews were recorded using a recorder, and later transcribed to carry out a content analysis report, proposed by Bardin (2011). The results showed that this collaborative housing model is also identified as a “cohousing”, with similar principles and benefits. It was found that elderly people living in collaborative housing reported significant changes in their quality of life, which was confirmed through the reports of local employees, and that the motivations for implementing the idea in other places are similar to the perceptions of the elderly people who already reside in this housing model. The project's creators were based on Cidade Madura and their own concerns about the aging process, while future residents were able to think about their current experiences and envision a future with more safety, tranquility, health and respect.

**Keywords:** Aging. Collaborative Housing. Housing for the elderly. Gerontology.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

OMS	Organização Mundial da Saúde.
ONU	Organização das Nações Unidas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria.
CEFD	Centro de Educação Física e Desportos.
RS	Rio Grande do Sul.
PB	Paraíba.
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa.
BPC	Benefício de Prestação Continuada

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO</b>	10
<b>CAPÍTULO 2 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA</b>	13
2.1 INTRODUÇÃO AO ESTUDO	13
2.2 CENÁRIO DO ESTUDO	15
2.2.1 Santa Maria - RS	15
2.2.2 João Pessoa - PB	17
2.3 ANÁLISE DOS DADOS	18
2.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	18
2.5 RISCOS E BENEFÍCIOS	19
<b>CAPÍTULO 3 UM SUJEITO DOTADO DE DIREITOS</b>	20
3.1 O ENVELHECIMENTO ALÉM DO BIOLÓGICO	20
3.2 DETERMINANTES SOCIAIS E ENVELHECIMENTO	24
3.3 MORADIA DIGNA COMO DIREITO DA PESSOA IDOSA	28
<b>CAPÍTULO 4 CASAS E LARES</b>	32
4.1 NOVOS OLHARES PARA A MORADIA DO IDOSO	32
4.2 O RESPEITO A AUTONOMIA	36
4.3 HABITAÇÃO COLABORATIVA E O MODELO DE <i>COHOUSING</i>	37
<b>CAPÍTULO 5 <i>COHOUSING</i> OU NÃO, O PRINCÍPIO É COLABORAR</b>	40
5.1 CIDADE MADURA – HABITAÇÃO COLABORATIVA PARA IDOSOS	40
5.2 JOÃO PESSOA – “O PRIMOGÊNITO” <sup>42</sup>	
5.3 O CIDADE MADURA SOB A PERSPECTIVA DO FUNCIONÁRIO	45
<b>CAPÍTULO 6 UM LUGAR PRA CHAMAR DE MEU</b>	50
6.1 “ISSO AQUI É UM PEDAÇO DO CÉU!”	50
6.2 BUSCANDO A INSPIRAÇÃO	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	63
<b>REFERÊNCIAS</b>	65
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO I</b>	69
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO II</b>	71
<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE I</b>	
<b>APÊNDICE D – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE II</b>	73
<b>APÊNDICE D: TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA MORADORES DE SANTA MARIA – RS</b>	74
<b>ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A PESSOA QUE TROUXE A IDÉIA PARA SANTA MARIA (RS)</b>	75
<b>ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O EMPRESÁRIO QUE PRETENDE EXECUTAR UM MODELO DE COHOUSING NA CIDADE DE SANTA MARIA (RS), SEM FINS LUCRATIVOS</b>	76

**ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM IDOSOS QUE DEMONSTRARAM INTERESSE EM VIVER EM UMA COHOUSING 77**

**ANEXO D – ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM IDOSOS DE JOÃO PESSOA (PB) 78**

**ANEXO E - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS FUNCIONÁRIOS DA COHOUSING EM JOÃO PESSOA (PB) 79**

## **CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO**

O prolongamento da vida é caracterizado como um ganho coletivo e o acelerado envelhecimento populacional tem exigido um novo olhar sobre a população idosa, uma vez que esta se torna efetivamente visível no contexto social, demandando novas políticas e programas voltados ao atendimento de suas necessidades em diversas áreas. No ano de 2002, na II Conferência Mundial do Envelhecimento, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), foi ratificado o Plano Internacional para o Envelhecimento, com projeções de que até 2050, o número de idosos no Brasil aumentará de 600 milhões para 2 bilhões, número que colocará o Brasil em 6º país em número de idosos (IBGE, 2000).

Confirmando as projeções, o Censo de apontou em 2010 que já haviam 21.736.000 de pessoas acima de 60 anos, o que significava 11,4% da população. Não se pode compreender estes números se não aceitarmos que eles representam e uma perspectiva de mudança de conceitos e a busca de uma adaptação a uma estrutura populacional envelhecida. Considerando que a pesquisa se deu em dois cenários, demograficamente diferentes, as projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2020 destaca o Estado do Rio Grande do Sul (RS), como o primeiro em proporção de idosos, tendo em sua população 18,7% de pessoas com mais de 60 anos. O segundo cenário, o estado da Paraíba (PB), figura em 9º lugar, tendo 13,8% de sua população com mais de 60 anos. Mesmo com a diferença populacional, a Paraíba foi a pioneira em políticas públicas voltadas à moradia da população idosa.

Todos nascemos, crescemos e, se a vida for longa, envelhecemos antes de morrer. O envelhecimento é a etapa mais temida pelo indivíduo e por aqueles que o rodeiam, devido às perdas de todos os tipos sentidas nessa fase do ciclo vital, agravadas pelos marcadores sociais. Na questão da moradia, frequentemente, os idosos acabam os seus dias com cuidadores, institucionalizados, ou sozinhos, seja por decisão própria ou (e mais frequentemente) por submissão à vontade dos filhos (ALMEIDA, 2018).

Na busca por uma opção de habitação ao idoso independente, buscou-se nesta pesquisa compreender as percepções sobre o modelo de moradia para a longevidade, denominadas moradias colaborativas ou *cohousing*, seus (futuros)residentes, funcionários e idealizadores; e conhecer as aspirações de pessoas idosas com intenção de residir nesse tipo de local, levando em consideração o interesse em implantá-las em outras cidades do Brasil. Para atender ao objetivo, realizou-se a pesquisa, caracterizada como exploratória, descritiva e

de abordagem qualitativa, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas, em João Pessoa-PB, onde já existe desde 2014 o Condomínio Cidade Madura, sendo os participantes da pesquisa, moradores e funcionários do local. Já em Santa Maria – RS, foram entrevistados os idealizadores de um condomínio, inspirado pelo modelo da Paraíba, e os idosos que presenciaram o lançamento do projeto e demonstraram interesse em viver em uma *cohousing*. Todas as entrevistas foram observadas segundo análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Do Condomínio Cidade Madura – João Pessoa/PB, foram entrevistados 3 funcionários do local, sendo duas mulheres e um homem, com idades entre 40 e 52 anos. Considerando os moradores, responderam os questionamentos, 5 idosos, sendo dois homens e três mulheres com idades entre 61 e 83 anos. Em Santa Maria, foram entrevistados os idealizadores, um homem de 43 anos, e uma mulher de 79 anos, e 9 idosos que gostariam de viver em uma moradia colaborativa, com idades entre 77 e 81 anos, sendo 8 mulheres e 1 homem. Mesmo tendo a oportunidade de conhecer o local em Novembro de 2020, não foram realizados contatos pessoalmente com nenhum participante, onde todas as entrevistas foram realizadas através de aplicativos de mensagens instantâneas, considerando o isolamento social após o decreto de Pandemia por Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Realizar a pesquisa no contexto da pandemia trouxe muitas dificuldades e adaptações. O isolamento social impossibilitou o contato humano e a proximidade, e trouxe grande impacto na vida das pessoas idosas, que foram apontadas como principal grupo de risco para a doença, e os modos de regulação das condutas produziram sensibilidades que acentuaram a produção política da velhice como algo associado a falta de autonomia, incapacidade e dependência, contrapondo-se a vertentes contemporâneas que privilegiam os esforços de autoprodução de um envelhecimento ativo, autônomo e independente (SCHUCH, VICTORA, SIQUEIRA 2021).

Neste contexto, questões envolvendo a moradia da pessoa idosa tornaram-se ainda mais importante, por representar e proporcionar uma sensação de segurança, Os idosos do Condomínio Cidade Madura, puderam se isolar junto aos vizinhos, com toda a estrutura que o estado forneceu, e que mesmo vivendo restritos a comunidade colaborativa, seguiram todos os protocolos sanitários, visando a proteção dos companheiros de comunidade, produzindo cuidado a partir de relações entre os sujeitos, seus vínculos e infraestruturas políticas do cuidado.

A pesquisa está organizada em seis capítulos, que contemplam discussões acerca da construção da pesquisa, envelhecimento populacional, o idoso como um sujeito de direitos, a moradia como um direito, quais as opções de moradia destinadas a pessoa idosa, importância da manutenção e respeito da autonomia, as casas colaborativas, programa de habitação Cidade Madura, princípios e benefícios da *cohousing*, relatos de moradores e funcionários sobre o local e aspirações de quem deseja viver em uma moradia colaborativa para idosos, pessoas e locais que se inspiram na ideia para melhorar a qualidade de vida da pessoa idosa.

## **CAPÍTULO 2**

### **A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA**

Neste capítulo apresento os caminhos metodológicos da pesquisa desenvolvida. Nele são expostos o objetivo, a justificativa para o desenvolvimento de uma pesquisa sobre o assunto e seus diferentes cenários, além das formas de coleta e análise de dados, que precisaram ser realizados de forma adaptada ao ambiente virtual em respeito às medidas sanitárias de distanciamento social, após decreto de Pandemia por Covid-19 realizado pela Organização Mundial da Saúde, em 11 de Março de 2020.

O capítulo se divide em cinco seções:

- a) a primeira, onde explico os objetivos e justifico os motivos de pesquisar sobre o assunto em questão;
- b) a segunda, onde apresento os cenários onde a pesquisa foi desenvolvida, e a forma de coleta de dados;
- c) a terceira que elucida a metodologia utilizada na análise dos dados encontrados;
- d) a quarta seção que traz os procedimentos éticos;
- e) e uma quinta seção, onde discorro sobre os riscos e benefícios de se participar da pesquisa.

#### **2.1 INTRODUÇÃO AO ESTUDO**

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as percepções sobre o modelo de moradia para a longevidade denominado *cohousing* a partir dos seus (futuros)residentes, funcionários e idealizadores; e conhecer as aspirações de pessoas idosas com intenção de residir nesse tipo de local, levando em consideração o interesse em implantá-las em outras cidades do Brasil, tendo assim uma opção de habitação para o idoso independente. Buscou-se, ainda, relatar as mudanças de vida que este modelo de habitação pode proporcionar às pessoas idosas residentes, além de conhecer as motivações de pessoas idosas que tem interesse em implementar e residir em uma *cohousing* futuramente.

Ao longo da minha trajetória acadêmica e profissional como nutricionista atuei no âmbito do envelhecimento e da longevidade, trabalhando com cuidadores formais e informais de pessoas idosas, com o atendimento domiciliar de seus assistidos, e também em Instituições de Longa Permanência de Idosos (ILPI). Por muito tempo, chamou-me a atenção a figura do idoso ativo e independente em locais destinados aos cuidados especializados de idosos com algum grau de dependência ou falta de autonomia. Ao ingressar no Programa de Pós-

Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria, o professor Marco Aurélio Acosta, idealizador do PPGeronto e coordenador do grupo de pesquisa do qual faço parte, me sugeriu explorar quais seriam as opções de moradia para esses idosos, visto que muitos dos idosos que recebíamos nos grupos da universidade ou viviam com os filhos ou sozinhos (e buscavam apoio e socialização nos grupos de idosos). Tendo contato com estes diferentes contextos de vivência do envelhecimento, abracei a ideia com entusiasmo e curiosidade.

Pensando no aumento da expectativa de vida e avanços das tecnologias visando uma longevidade mais saudável e independente, o envelhecimento da população exige novas opções de moradia e cuidados. Existem opções para pessoas idosas dependentes, como cuidadores e ILPIs. Porém, as pessoas idosas independentes não têm as mesmas opções, e muitas acabam morando com os filhos, para não viverem sozinhas e ficar sem assistência quando necessário. Com as mudanças sociais e históricas, as configurações familiares têm se modificado e muitas pessoas tem optado por não ter filhos. Como o cuidado de idosos no Brasil ainda é muito encarado como uma responsabilização da família, surge então a preocupação de onde essas pessoas irão viver na velhice. Neste contexto, as *cohousings* podem ser consideradas boas opções de moradia, por estimular a independência e a privacidade do indivíduo, mas ao mesmo tempo manter/resgatar valores da vida em comunidade, como a divisão de tarefas, relações sociais e de cuidado, e compartilhamento de decisões, empoderando as pessoas idosas.

Ao pesquisar os termos “cohousing”, “co-moradias” e “habitação colaborativa” e “conjunto habitacional” acompanhado de “envelhecimento” e “idosos” nas plataformas científicas, encontramos outros estudos que foram realizados nesses locais, porém focados em mobilidade física e acessos (GUEDES et al., 2017) (CANDEIA et al., 2017), políticas públicas voltadas a esse tipo de habitação (SALEME; DANTAS, 2019), condição socioeconômica e estrutura do local (KUNST; BRANDÃO, 2017) (MIGUEL; MAFRA, 2019) (BEZERRA, 2015). Os objetivos são distintos dos apresentados nesta pesquisa, que leva em consideração a visão de (futuros) moradores, idealizadores e funcionários do local, buscando a diversidade de opiniões e percepções, assim como entender as mudanças que este modelo de moradia colaborativa pode causar na vida de seus residentes.

Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa, a qual tem por objetivo conhecer a variável do estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere. Pressupõe-se que o comportamento humano é melhor compreendido no contexto social onde ocorre (DESLAURIERS, 2008; QUEIRÓZ, 1992). Como prática



metodológica, a pesquisa exploratória é realizada por meio de aproximações empíricas do fenômeno concreto a ser investigado, a fim de perceber seus contornos, nuances e singularidades, explorar aspectos que interessam à problemática em construção, na sua feição concreta (BONIN, 2013). A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever as características de uma determinada população, um fenômeno ou ainda uma experiência para o objeto pesquisado. Neste tipo de pesquisa o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos dados ficam por conta do próprio pesquisador, buscando mostrar fielmente os resultados de sua pesquisa sem entrar no mérito dos conteúdos (PARRA FILHO; SANTOS, 2011; PEROVANO, 2014).

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Há uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a dados isolados, conectados por uma teoria explicativa: o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1991, p. 79)

## 2.2 CENÁRIO DO ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida em dois cenários: Em Santa Maria – RS, Brasil, onde uma instituição de iniciativa privada tem interesse em financiar e desenvolver uma *Cohousing* para pessoas idosas de baixa renda. O segundo cenário desse estudo, foi na cidade de João Pessoa – PB, onde já existe uma *Cohousing* de iniciativa do poder público e de referência em pleno funcionamento.

### 2.2.1 Santa Maria - RS

Na cidade de Santa Maria, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, com roteiro desenvolvido pela pesquisadora (Anexos, A e B). O universo da pesquisa foi composto por dois grupos: Pessoas Idosas e Idealizadores. Entende-se por idealizadores basicamente duas pessoas, uma mulher idosa que apresentou a ideia em Santa Maria e um empresário que recebeu a ideia e aceitou implementar um modelo na cidade, sem fins lucrativos. As entrevistas foram realizadas com os idealizadores do projeto, a fim de compreender seus desejos e motivações para buscar o processo de implementação de *Cohousing* destinada a esse

público. Estas coletas foram realizadas entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021. Com as pessoas idosas interessadas em residir em uma Cohousing, foram realizadas entrevistas semiestruturada, (Anexo C) visando conhecer suas aspirações e expectativas quanto ao modelo de habitação apresentado. Estes participantes foram selecionados através da técnica de amostragem Bola de Neve (snowball sampling), não probabilística, onde os indivíduos selecionados para serem estudados convidam novos participantes da sua rede de amigos e conhecidos (VINUTO, 2014).

O processo de criação de uma amostra por bola de neve se fundamenta em usar a rede social dos indivíduos iniciais para ter acesso ao coletivo. Sendo assim, buscou-se a participação do maior número de indivíduos que tenham mantido diálogos relacionados a *cohousing*, após a participação da apresentação do empreendimento realizada na cidade de Santa Maria em agosto de 2018. A amostra foi do tipo linear, onde cada indivíduo participante deve recomendar outro indivíduo, de forma que a amostra cresça num ritmo linear. A indicação iniciou com a idealizadora do projeto, que participa e lidera os Grupos de Convivência de Pessoas Idosas, que foram convidados a participar da apresentação, e o contato foi realizado através do número disponibilizado na listagem de interessados, até a saturação dos dados

As entrevistas foram realizadas e gravadas através de aplicativos de mensagens instantâneas, que permitam o envio de áudios (WhatsApp, Messenger, Telegram) ou videoconferência (Skype, Zoom), levando em consideração as instruções de distanciamento social da OMS, em decorrência da pandemia por Covid-19.

No cenário santamariense, foram entrevistadas 11 pessoas, incluindo os idealizadores Eliza (aposentada, 79 anos) e Vagner (empresário, 43 anos) e 9 idosos interessados em viver nesse tipo de moradia, dos quais, 8 mulheres e 1 homem, com idades entre 67 e 81 anos de variadas classes sociais.

Os critérios de inclusão para participantes idosos de Santa Maria (RS) foram: Ter mais de 60 anos; Acesso a telefone fixo ou celular; Ter participado da apresentação da *Cohousing*, realizada pelos idealizadores, na Câmara Municipal dos Vereadores de Santa Maria (RS), no dia 20 de agosto de 2018 e ter demonstrado interesse em residir no local (preenchido a lista de interessados em residir no local). Os idealizadores deveriam ter comprovação de que participam da implementação da *Cohousing* (documentos, fotos, etc.) para estarem aptos a responder a entrevista. Como critério de exclusão, foram desconsiderados nesta pesquisa as pessoas idosas de Santa Maria que não mantiveram diálogos sobre as moradias colaborativas em seus grupos de convivência para a Terceira Idade, não sendo realizada sua indicação.

### 2.2.2 João Pessoa – PB

A segunda parte da Pesquisa foi realizada na cidade de João Pessoa (PB), em uma *Cohousing* de iniciativa pública, destinada exclusivamente para pessoas idosas de baixa renda e em funcionamento desde o ano de 2014. Esta coleta foi realizada entre dezembro de 2020 e Julho de 2021. Foram enviadas aos residentes da *Cohousing*, através do núcleo de Assistência Social, as perguntas da entrevista semiestruturada, de roteiro desenvolvido pela pesquisadora, a fim de conhecer suas opiniões sobre o local, e mudanças de vida que este modelo de habitação proporcionou (Anexo D), para desenvolver uma conversa baseada nos questionamentos.

As entrevistas foram realizadas e gravadas através de aplicativos de mensagens instantâneas, que permitam o envio de áudios (WhatsApp, Messenger, Telegram) ou videoconferência (Skype, Zoom), levando em consideração as instruções de distanciamento social da OMS, em decorrência da pandemia por Covid-19.

Os participantes foram definidos através da técnica de amostragem Bola de Neve, sendo a primeira indicação, realizada por um funcionário do local, de idosos com acesso a telefone fixo ou aparelho celular. Foi sugerido que as indicações fossem mescladas entre pessoas que vivem a mais e a menos tempo no local, aproximadamente o mesmo número de homens e mulheres, buscando diversidade amostral, até a saturação dos resultados. Todas as entrevistas, foram registradas por meio de gravador, sendo posteriormente transcritas para realização de um relatório de análise.

Também foram entrevistados funcionários do local, possibilitando um olhar externo quanto a rotina das pessoas idosas residentes no condomínio, sendo importante a visão de alguém que convive quase diariamente com os moradores, porém não reside no local (Anexo E).

Ao todo, 8 pessoas foram entrevistadas no cenário de João Pessoa. Os três entrevistados que trabalham no Condomínio Cidade Madura, foram 2 mulheres, Assistentes Sociais e 1 Vigia do local, com idades entre 40 e 53. Quando se trata dos 42 idosos residentes do local, 5 deles dividiram um pouco da sua história comigo, sendo 2 homens e 3 mulheres de 61 a 83 anos, que pertencem a classe baixa financeiramente, e que não possuíam casa própria.

Foram considerados como critérios de inclusão para participantes idosos de João Pessoa (PB): Aceitar ter sua entrevista gravada; estar residindo ou trabalhando (no caso de funcionários) na *Cohousing* por pelo menos 6 meses. Como critério de exclusão para as pessoas idosas e funcionários, foram considerados: a pessoa idosa e funcionários de João Pessoa que estejam residindo ou trabalhando na *cohousing* por tempo inferior a seis meses.

### 2.3 ANÁLISE DE DADOS

A análise das entrevistas foi conduzida via análise de conteúdo. Para tanto, foram seguidas as três etapas, descritas por Bardin (2011): pré-análise, momento em que foi realizada uma leitura geral do material dos artigos, com o propósito de uma visão ampla do conteúdo. Logo em seguida, ocorreram as análises com profundidade na leitura das entrevistas possibilitando a transcrição dos resultados e trechos com maior destaque, utilizando recorte de unidades de registro em relação ao tema da pesquisa. Com o progresso da leitura, foi feita a codificação dos resultados, que permitiram a formação de categorias, tendo como principal critério, o sentido da resposta.

Desta forma, analisando os textos juntamente com as referências de autores foi viável observar o conteúdo integralmente, relacionando-os e sintetizando-os, visualizando as convergências, divergências assim como semelhanças que existem segundos os diferentes autores, elaborando dessa forma a etapa de interpretação dos resultados (BARDIN, 2011)

Todos os entrevistados tiveram seus nomes substituídos por nomes fictícios, para manutenção da confidencialidade do participante.

### 2.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

De acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), no que se refere aos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos, inicialmente foi solicitada a autorização para a Coordenação do *Cohousing* para o desenvolvimento dessa pesquisa. Após essa etapa, o projeto foi registrado na plataforma Brasil e encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, e aprovado sob o parecer de nº 4.450.185 em 09 de Dezembro de 2020.

A coleta dos dados foi realizada após aprovação do projeto e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi encaminhado para a secretaria responsável

pelos idosos residentes no local, já que a pesquisa precisou ser adaptada para ambiente virtual devido contexto pandêmico provocado pela Covid-19 (Apêndice A), juntamente com o Termo de Confidencialidade (Apêndice C). Os moradores e idealizadores de Santa Maria – RS, receberam através do aplicativos o TCLE, assim como o Termo de Confidencialidade (Apêndice B e D).

No TCLE constam as informações referentes ao estudo, incluindo os objetivos, a justificativa, os métodos, a forma de desenvolvimento da pesquisa, a liberdade da desistência dos participantes a qualquer momento, sem prejuízo pessoal e/ou profissional, bem como a garantia do anonimato, os riscos e os benefícios da pesquisa.

Ocorrerá a devolução dos resultados obtidos ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria aos participantes individualmente e à comunidade científica por meio do comprometimento em produzir artigos científicos a serem encaminhados a periódicos indexados e de reconhecimento e relevância à saúde e à gerontologia. Após finalização da pesquisa, as transcrições e demais materiais utilizados serão guardados em arquivos específicos para esse fim, por um período mínimo de cinco anos após a publicação dos resultados. Durante esse período o material será mantido em local seguro e chaveado e passados os cinco anos, os dados serão cuidadosamente descartados.

## 2.5 RISCOS E BENEFÍCIOS

Como riscos desta pesquisa, o participante poderia sentir algum desconforto emocional ao responder algumas das questões apresentadas, podendo abandoná-la a qualquer momento caso desejar, sem prejuízos. Caso o participante sentisse a necessidade, seria contatado psicólogo para acompanhamento, sob responsabilidade da pesquisadora.

Como benefício, estaria participando de uma pesquisa que pode inspirar demais iniciativas semelhantes, podendo mudar a realidade de cada vez mais pessoas idosas de baixa renda. Os resultados discutidos a seguir, não proporcionaram nenhum benefício financeiro aos participantes.

### **CAPÍTULO 3 UM SUJEITO DOTADO DE DIREITOS**

Neste capítulo discuto brevemente como se constrói o complexo processo do envelhecimento, que não envolve apenas o inevitável envelhecimento biológico, mas que é construído através de muitas questões determinadas socialmente, perpassando questões raciais, de gênero, orientação sexual e até de como a velhice pode ser solitária, pois é nela que vivemos a maioria de nossos lutos. Para diminuir as desigualdades destes determinantes, podemos usar a legislação e políticas públicas como aliadas, por esta razão discorro sobre alguns marcos legislativos que possibilitaram que o idoso fosse reconhecido como um cidadão dotado de direitos. Existem várias questões políticas que carecem de atenção, e a moradia é uma delas.

O capítulo está dividido em três seções:

- a) na primeira seção discorro sobre questões relacionadas ao envelhecimento populacional além do aspecto biológico, e contemplo alguns marcos legislativos importantes a esse grupo etário;
- b) na segunda seção sugiro a reflexão sobre as desigualdades enfrentadas no envelhecimento, impelidas pelos determinantes sociais;
- c) na terceira seção exponho o direito do idoso à uma moradia digna.

#### **3.1 O ENVELHECIMENTO ALÉM DO BIOLÓGICO**

A maior parte dos países, desenvolvidos ou em desenvolvimento, já passaram ou estão passando por um período de transição demográfica do envelhecimento populacional. O ciclo deste processo parte de um período inicial em que há o predomínio de altas taxas de mortalidade e fecundidade para outro em que inicialmente são observados a queda nos índices

de mortalidade, seguido pela diminuição da fecundidade e, finalmente, o aumento da expectativa de vida das pessoas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018).

No Brasil, o processo de transição demográfica iniciou-se a partir da queda nas taxas de mortalidade no início da década de 1940. Posteriormente, em meados da década de 1980, o processo foi intensificado com a acelerada redução da taxa de fecundidade, a qual, conforme dados censitários, era de 4,4 filhos por mulher no ano de 1980 e de 1,86 no ano de 2010. Simultaneamente à queda dos índices de mortalidade e à diminuição da fecundidade, a expectativa de vida ao nascer no Brasil tem crescido de forma substancial. Apenas entre os anos de 2000 e 2013 a mesma elevou-se em cinco anos, passando de 69,8 para 74,8 anos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018).

Neste cenário, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgou em 2018 que a população idosa (acima de 60 anos) deve dobrar no Brasil até o ano de 2042, na comparação com os números de 2017. As projeções ainda indicam que antes de 2050, as pessoas idosas já serão um grupo maior do que a parcela da população com idade entre 40 e 59 anos (IBGE, 2018). Com os números aumentando de forma rápida e constante, a necessidade de entender o processo de envelhecimento é urgente.

A idade e o envelhecimento estão relacionados a fenômenos biológicos, mas seus significados são determinados social e culturalmente. “Idade Social” é um conceito relativo e varia em diferentes contextos culturais. Hareven (1976), ao tentar entender as condições sociais que afetam a idade adulta e a velhice, percebeu que as definições do envelhecimento, bem como as condições e funções sociais de cada grupo de idade, não só mudam significativamente ao longo do tempo, mas também variam entre diferentes culturas e sob diferentes influências seculares.

Esta etapa da vida caracterizada como velhice, com suas peculiaridades, só pode ser compreendida a partir da relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Essa interação institui-se de acordo com as condições da cultura na qual o indivíduo está inserido. Condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produzem diferentes representações sociais da velhice e também da pessoa idosa e há uma correspondência entre a concepção de velhice presente em uma sociedade e as atitudes frente às pessoas que estão envelhecendo (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Em tais circunstâncias, as concepções de velhice nada mais são do que resultado de uma construção social e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessados por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias. Na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. (PACHECO, 2005).

Simone de Beauvoir, em sua obra “A Velhice” (1947), já criticava a desumanização da velhice e engloba uma crítica mais radical ao próprio capitalismo. Vistos como improdutivos em uma sociedade baseada na ideia de produtividade como valor essencial, os velhos são vistos como impotentes, sem futuro, excluídos de um papel ativo na sociedade. Só lhes resta os sofrimentos de sua condição e a impaciência dos jovens. Sem serventia alguma num sistema baseado na produção e geração de lucro, o velho sofre o impacto de tornar-se um refugio, um fragmento de sucata.

A pensadora ainda afirma: "Terrível não é a morte, mas a velhice e seu cortejo de injustiças" (BEAUVOIR, 1990, p.112). Segundo a autora, para melhorar a condição dos velhos, os valores e as estruturas sociais deveriam ser radicalmente transformados. Já na existência individual, "só existe uma solução para que a velhice não seja uma paródia absurda da nossa vida anterior, e essa consiste em prosseguir naquelas ocupações que dão sentido à existência". (BEAUVOIR, 1990, p.174). Ao revisitar a obra de Beauvoir, Mirian Goldenberg em “A Bela Velhice” (2013) expressa a possibilidade de termos “belos velhos” participantes na sociedade, reforçando a ideia de se ter um propósito de vida, mesmo após a popular “terceira idade”, rejeitando estereótipos e criando novas possibilidades e significados para o envelhecimento. Alguns dos relatos citados no livro, demonstram que os velhos não querem aposentar-se de si, mas encarar a velhice como uma oportunidade para fazer coisas por prazer, e não mais por obrigações.

A transformação de valores e estruturas sociais só são possíveis quando a sociedade se movimenta. São as políticas que organizam a sociedade, levando em consideração que elas estão em todas as áreas da nossa vida. É fundamental compreender que elas são construções sociais transformando de acordo com as mudanças e as dinâmicas próprias da sociedade. Quando a sociedade se movimenta, as políticas mudam. Até chegar ao “idoso” que conhecemos hoje, muitos movimentos sociais, marcos históricos e conquistas de direitos foram implicados. (SIQUEIRA, 2014).



A inserção de pessoas com mais de 60 anos, é um dos grandes marcos no campo legislativo, e se deu através da Lei Eloy Chaves<sup>1</sup>, que obrigou as companhias ferroviárias a instituírem as Caixas de Aposentadorias e Pensões (1923). No mesmo ano, estabeleceu-se o Conselho Nacional do Trabalho<sup>2</sup> e em 1934 foi criada a Justiça do Trabalho. O Código Penal de 1940<sup>3</sup>, foi o primeiro a trazer artigos específicos relacionados a aplicações de maiores penas para crimes cometidos contra pessoas acima de 60 anos e um abrandamento de penas para os maiores de 70 anos. A partir destes movimentos, foram se seguindo outras transições em relação a este mesmo grupo. Seguiram-se mudanças no Regimento de Previdência Social, a facultatividade do voto para maiores de 70 anos<sup>4</sup>, e o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural<sup>5</sup>, por exemplo.

No âmbito da participação social, a criação da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e o serviço desenvolvido pelo SESC, colocaram as questões do envelhecimento em pauta e nortearam a criação de muitas políticas. Segundo Camarano e Pasinato (2004), a SBGG foi criada em 1961 com o objetivo de “estimular iniciativas e obras sociais de amparo à velhice e cooperar com outras organizações interessadas em atividades educacionais, assistenciais e de pesquisas relacionadas com a Geriatria e Gerontologia”. Já o SESC, iniciou seus trabalhos de cunho assistencial em 1963, com um pequeno grupo de comerciários na cidade de São Paulo onde formaram grupos com o objetivo de minimizar o desamparo e a solidão na velhice. Antes do trabalho desenvolvido pelo SESC, as instituições que realizam ações voltadas a essa faixa etária da população focavam apenas no atendimento asilar. É dado o “pontapé inicial” para os grupos de idosos.

Siqueira (2014) destaca que, levando em consideração que as questões de envelhecimento foram sendo inseridas em pautas internacionais e nacionais, a categoria “idoso” se consolidou como sujeito de direitos no Estado brasileiro. A autora ressalta a criação e aprovação de três documentos que foram essenciais para essa consolidação e, conseqüentemente, para as mudanças nas políticas públicas direcionadas para a população que envelhece, que foram:

---

1 Lei nº 4.682, de 24 de janeiro de 1923. As Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAPs) eram organizadas coletivamente em empresas e fábricas por iniciativas dos trabalhadores com o objetivo de atender as demandas de saúde e o amparo previdenciário dos operários.

2 Lei nº 16.027, de 30 de abril de 1923.

3 Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.

4 Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965

5 Lei nº 4.214, de 2 de março de 1963.

A Política Nacional do Idoso<sup>6</sup>, promulgada em 1996, que tem por objetivo assegurar direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”.

O Estatuto do Idoso<sup>7</sup>, promulgado em 2003, onde idosos com mais de 60 anos tem direitos específicos regidos e legitimados por lei estatutária.

O Pacto pela Saúde (2006)<sup>8</sup>, que enfatiza as necessidades de saúde da população. O documento divide-se em três componentes: Pacto pela Vida, Pacto em Defesa do SUS e Pacto de gestão do SUS. Entre as prioridades do Pacto pela Vida<sup>9</sup> insere-se a Saúde do Idoso, que segue “diretrizes” e “ações estratégicas” específicas.

No mesmo período, surgiram muitos programas voltados aos idosos, que propiciavam visibilidade e participação da chamada “terceira idade”. Simões (2007) refere que para o movimento dos aposentados, os grupos estariam mais sujeitos a manipulação política por se preocuparem apenas com lazer, se distanciando de discussões políticas e das reivindicações para os idosos. Apesar das diferenças de mobilização, a visibilidade alcançada, proporcionou a criação de projetos como as faculdades e Universidades para a terceira idade, os grupos de convivência, os clubes da melhor idade. Debert (1999) chama atenção para a criação de programas e associações como formas de socioativismo, em que a idade cronológica é utilizada como meio de agregar participantes e tem o objetivo de resgatar a dignidade do idoso, reduzir os problemas da solidão, quebrar os preconceitos e estereótipos, e ao mesmo tempo busca a valorização do cidadão mais velho, criando espaços para o lazer, mas também para o “treinamento da cidadania”.

Uma das políticas originadas a nível mundial, no mesmo intento, foi a do “Envelhecimento Ativo” da OMS (2005) que vai ao encontro da busca de sentido na velhice, quando declara que envelhecimento ativo é perceber o potencial para o bem-estar físico, social e mental, para que a pessoa idosa possa participar da sociedade de acordo com suas necessidades e desejos, mas sem esquecer da urgência em oferecer oportunidades para o desenvolvimento desse potencial, dentro dos acessos que cada indivíduo possui dentro da sociedade.

### 3.2 DETERMINANTES SOCIAIS E ENVELHECIMENTO

---

6 Lei nº 8.842/94 e Decreto nº 1.948/96

7 Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003

8 Portaria GM/MS 399/2006.

9 As prioridades do Pacto pela Vida são: Saúde do Idoso, Câncer de Colo de Útero e Mama, Mortalidade Infantil e Materna, Doenças Emergentes e Endemias, Promoção da Saúde, Atenção Básica a Saúde.

Existem marcadores sociais que interferem diretamente em todo o processo de envelhecimento, desde o momento do nascimento, ou antes. Eles determinam o tipo de acesso que essa pessoa vai ter, afetam o bem-estar e tem grande influência em toda a construção social do indivíduo e inclusive prejudicam a saúde ao longo da vida pelas características do contexto social, que geram desigualdades nas exposições e vulnerabilidades. Os marcadores ou determinantes sociais diferem para cada pessoa, alguns acumulando maiores níveis de desigualdades em comparação a outras pessoas, o que acaba sendo decisivo em como o sujeito estará na velhice, caso consiga alcançá-la (GEIB, 2012) (MANSO, 2021) (SOUSA, et al. 2019).

A posição de classe inegavelmente determina muitos aspectos da vida material dos indivíduos, definindo não apenas o acesso e a posse de recursos materiais, mas também as atividades da vida cotidiana e a vulnerabilidade em face de inúmeros determinantes de saúde e doença, além de influenciar a percepção dos problemas de saúde e a busca de soluções (BARATA et al., 2013). Apoio social, oportunidades de educação e aprendizagem permanente, paz, e proteção contra a violência e maus-tratos são fatores essenciais do ambiente social que estimulam a saúde, participação e segurança, à medida que as pessoas envelhecem (OMS, 2005).

Em seu estudo, Sousa e colaboradores (2019) identificaram que os idosos com maior renda e escolaridade são os mais envolvidos em atividades sociais, físicas e produtivas, que demonstra a importância do combate à desigualdade educacional e de renda como forma de promover o envelhecimento ativo. Também reforçam que o enfrentamento das desigualdades sociais é parte importante da estratégia de implementação do envelhecimento ativo, de modo a fornecer soluções adaptadas e apropriadas para os diferentes grupos de idosos e a evitar a imposição de metas pouco factíveis frente ao envelhecimento dessa população.

O marcador raça/cor, além de figurar como determinante na posição do indivíduo na sociedade traz demandas específicas que interagem em múltiplas frentes. A expectativa de vida é maior para a população branca em relação à população negra. Os elevados índices de mortalidade de homens de uma forma geral e, em particular, de jovens homens negros – em decorrência da violência urbana, além do acesso precário a procedimentos médicos para os casos de enfermidades – acabam refletindo em sua expectativa de vida. No caso da diferença entre mulheres negras e brancas, vale ressaltar a maior vitimização das mulheres negras que, em decorrência do sexismo e do racismo tem seu acesso precarizado aos serviços de saúde, habitação, emprego, entre outros (OSORIO, 2021) (IPEA, 2011).

Ainda em relação ao gênero, as mulheres são maioria, com 16,9 milhões (56% dos idosos), enquanto os homens idosos são 13,3 milhões (44% do grupo). Questões de gênero também devem pautar o debate do envelhecimento, pois de acordo com a OMS, há prevalência de mulheres mais velhas no Brasil, bem como na maioria dos países, tanto os desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento (OMS, 2005).

Nicodemo e Godoi (2010) destacam que as mulheres que compõe esse grupo populacional acumularam, no decorrer dos anos, desvantagens como violência, discriminação, salários inferiores aos dos homens, baixa escolaridade, dupla jornada de trabalho ou dedicação exclusiva do cuidado do lar e dos filhos, situação socioeconômica desvantajosa e consequente dependência de recursos. O gênero é uma espécie de “lente” através da qual considera-se a adequação de várias opções políticas e o efeito destas sobre o bem-estar de homens e mulheres (OMS, 2015).

Sendo considerada um objeto de reprodução, conforme aponta Salgado (2002), muitas mulheres têm sua vivência marcada por uma realidade submissa e passiva, tendo como centralidade o lar, servindo aos cuidados dos seus membros e envelhecer nesta realidade, torna-se um fator de resistência. Ao falar em mulheres idosas, esses sintomas podem ser agudizados pela falta de políticas públicas efetivas que atendam essas mulheres. Reitera-se a importância da discussão sobre o gênero, sendo necessário ressaltar o protagonismo feminino que vem sendo construído ao longo dos anos por meio de lutas e resistências.

A situação torna-se ainda mais desigual, ao pautar questões de marcadores sociais envolvendo orientação sexual. Além do preconceito, do sofrimento psicológico decorrente dele e a falta de políticas públicas efetivas, este grupo ainda enfrenta diariamente a violência e o risco de viver no país que mais mata LGBTQIA+<sup>10</sup> no mundo. Em 2019, o Disque Direitos Humanos (Disque 100)<sup>11</sup> registrou 2879 violações. Destas, 70,56% são referentes à discriminação, seguida por violência psicológica com (47,95%), violência física (27,48%) e violência institucional (11,51%) e mesmo assim, sabe-se que poucos são os casos que são denunciados.

Ao se tratar do processo de envelhecimento e questões de gênero, deve-se oferecer melhores condições de vida a toda a população LGBTQIA+, porém o foco deve urgentemente recair sobre a parcela transexual/travesti. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais estima que 90% delas estão se prostituindo no Brasil, pois a elas não é dada outra

---

10 A sigla LGBTQIA+ engloba pessoas que são lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e mais.

11 <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/junho/disque-100-registra-quase-tres-mil-violacoes-contra-a-populacao-lgbt>

oportunidade de emprego. Essa violência estrutural tem resultados desastrosos. Dados produzidos pelo *Transgender Europe's Trans Murder Monitoring (TMM)*<sup>12</sup> mostra que 50% das mortes de transexuais do mundo ocorreram no Brasil, onde a expectativa de vida de transexuais e travestis é de aproximadamente 30 anos. Além de tudo, as mortes são marcadas por serem extremamente violentas. Como tratar de questões do envelhecimento sobre pessoas que sequer conseguem alcançar a metade da expectativa de vida da população geral? Infelizmente, a orientação sexual torna-se um marcador decisivo e tão invisibilizado.

As pessoas que conseguem alcançar a longevidade, muitas vezes percorrem esse caminho solitariamente. Na questão do envelhecimento, a solidão, que não figura como um determinante social, pois muitas vezes foi por opção do indivíduo, acaba se tornando um fator de risco para doenças do envelhecimento, uma vez que tem forte impacto na vida das pessoas idosas, pois segundo Carmona (2014) esse é um período de muitas transformações, marcado especificamente por várias perdas. O sentimento de solidão pode ser percebido como mais agudo pela pessoa idosa por ela passar por todas as vicissitudes dessa fase.

A solidão tende a ser vista como um fato isolado, passageiro, sendo até mesmo mal interpretada como 'frescura' ou excesso de sensibilidade. Todavia, esse é um tema delicado e importante, que pode estar atrelado a outras condições e quadros que não trabalhado pode evoluir para algo mais grave, como depressão. Mudanças drásticas na situação de moradia, aposentadoria, a perda de um cônjuge ou amigo, ansiedade sobre a perda de capacidades pode destruir a percepção de bem-estar, que também leva ao isolamento e a uma contínua perda de autoconfiança (KALACHE, 2008).

Negrini e colaboradores (2018) concluíram que 15,3% das pessoas de 60 anos ou mais vivem sozinhas no Brasil. A maioria delas oriundas de regiões marcadas pela alta renda, porém as pessoas idosas de baixa renda são as mais prejudicadas no processo de envelhecimento, principalmente pela falta de recursos e acesso. Atualmente, os idosos representam apenas 13,17% das pessoas que possuem casa própria em terreno próprio (FGV, 2020).

O aumento no número de pessoas idosas ativas e independentes<sup>13</sup> apresenta uma grande demanda por uma política de habitação que forneça soluções para essa faixa etária da

---

12 <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>

13 Há também um aumento de pessoas com algum grau de dependência, um estado no qual se encontram as pessoas que por razões ligadas à falta ou perda de autonomia física, psíquica ou intelectual, necessitam de uma assistência atividade de vida diária. Sabe-se que é um assunto de grande complexidade e demanda, mas

população. Moradia é uma das dimensões que definem a qualidade de vida na velhice. Cerca de 60 a 70% do tempo dos idosos é passado em casa, muito mais do que outros grupos etários. Portanto, questões de ventilação, esgoto sanitário, recolhimento de lixo, segurança, áreas externas bem mantidas e que favoreçam a socialização e manutenção e adaptação ambiental influenciam a saúde física e mental, com um significativo impacto sobre o bem-estar (KALACHE, 2008).

A OMS (2005) também enfatiza que moradia e vizinhança seguras e apropriadas são essenciais para o bem-estar do idoso. Para este, a localização, incluindo a proximidade de membros da família, serviços e transporte pode significar a diferença entre uma interação social positiva e o isolamento. Os padrões de construção devem levar em conta as necessidades de saúde e de segurança das pessoas idosas, como os obstáculos nas residências que aumentam o risco de quedas precisam ser corrigidos ou removidos.

Levando em consideração uma opção de moradia que atenda e dê sentido a existência aos formatos diferenciados de envelhecimento, Monteiro e colaboradores (2017) sugerem a *cohousing*, um tipo de comunidade coletiva colaborativa cuja prioridade expressa o resgate da vida em comunidade e pertencimento, pode ter ganhos como rede de apoio, já que o apoio e a presença de familiares e amigos formam um forte fator de proteção contra o sentimento de solidão. Uma vez que a pessoa idosa se percebe amparada e bem atendida, ela sente mais confiança em estar sozinha dentro de casa, evitando, assim, os declínios enfrentados na solidão e no envelhecimento (CARMONA, 2014).

### 3.3 MORADIA DIGNA COMO DIREITO DA PESSOA IDOSA

A estrutura etária brasileira está em constante mudança, enquanto avança para o alargamento do topo e estreitamento da base da pirâmide populacional. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores e Domicílios (PNAD, XXX), o Brasil apresentou um aumento de 18% na população idosa entre 2012 e 2017, representando um aumento de 4,8 milhões de idosos, superando os 30,2 milhões. A sociedade está envelhecendo e mais do que reconhecimento formal e obrigação do Estado para com os cidadãos idosos, o respeito aos direitos humanos e fundamentais, tanto em seu

---

não trataremos do assunto nesta pesquisa. Sobre dependência ver mais em: (LOBOS, SANTOS, GOMES, 2014).

aspecto individual como comunitário, relaciona-se diretamente com a previsão constitucional de consagração da dignidade da pessoa humana (MORAES, 2007).

O envelhecimento da população levanta várias questões fundamentais para os formuladores de políticas. Uma vida longa é um recurso valioso, contudo, a amplitude das oportunidades que surgem do aumento da longevidade dependerá muito de um fator fundamental: saúde. Se as pessoas vivem esses anos extras de vida com boa saúde, sua capacidade de realizar as tarefas que valorizam será um pouco diferente em relação a uma pessoa mais jovem. Se esses anos a mais são dominados por declínios na capacidade física e mental, as implicações para as pessoas mais velhas e para a sociedade é muito mais negativa (OMS, 2015).

De forma muito geral, Constituição Federal (CF) brasileira de 1988 no artigo 1º, inciso III, apresenta o fundamento da dignidade da pessoa humana. Já no artigo 3º, estipula que um dos objetivos fundamentais do Estado é o de promover o bem de todos, sem preconceito ou discriminação em face da idade do cidadão. Essa ideia é internacional e ao colocá-la no texto constitucional significa representá-la empiricamente. Porém ao que tange as pessoas idosas, não se limitou apenas a apresentar disposições genéricas, onde o artigo 229 estabelece aos filhos maiores o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade, bem como o artigo 230 que estipula que a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas (BRASIL, 1988).

A pessoa idosa até então dificilmente era tratada como cidadã, o que obrigou a constituinte a se expressar de maneira bastante clara e estabelecer meios legais para a seguridade de alguns direitos fundamentais, como dignidade e bem-estar, igualdade, o direito a vida, que inclui um envelhecimento com respeito, proteção e inserção social, o direito a cidadania, ao trabalho e a seguridade social.

Em quatro de janeiro de 1994, com o objetivo criar as condições para promover a longevidade com qualidade de vida, colocando em prática as ações voltadas não apenas para os que estão velhos, mas também para aqueles que vão envelhecer, e com a intenção de se fazer cumprir as medidas já propostas, entra em vigor a Lei 8.842, que estabelece a Política Nacional do Idoso. Seguindo nos avanços legislativos com vistas às pessoas idosas, em 1º de outubro de 2003 é sancionado o Estatuto do Idoso, uma combinação de projeto de leis destinados a acautelar a dignidade ao idoso.

Braga (2005) nos lembra que o Estatuto do Idoso veio em boa hora, como um marco importante nos estudos dos direitos dos idosos. A disseminação da temática do

envelhecimento fez com que a sociedade se percebesse como envelhecida, sendo o Estatuto um instrumento para que o idoso pudesse “aparecer” e ocupar espaços, assumindo sua identidade social e sendo respeitado como cidadão que participa ativamente da estrutura política.

O Estatuto do Idoso revela-se como legislação protetiva e assistencial, que busca garantir que nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei. Ainda sedimenta as obrigações do Poder Público, da comunidade e da família ao assegurar a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária e a moradia digna (SOUSA, 2004).

Apesar do surgimento de muitas legislações que buscam proteger e prestar assistência ao idoso, a falta de contextualização dificulta sua efetiva aplicação e fiscalização. O caráter generalizado e a indefinição de papéis, como por exemplo, até onde vão as atribuições do estado, da família e da sociedade perante a pessoa idosa, muitas vezes acaba resultando em um idoso desassistido e sem saber a quem recorrer.

Em relação ao direito à moradia para a pessoa idosa, no Brasil, o artigo 37 do Estatuto do Idoso define que: “o idoso tem direito à moradia digna, no seio da família natural ou substituta, desacompanhados de seus familiares, quando assim o desejar, ou ainda, em instituição pública ou privada” estabelecendo assim, a autonomia da pessoa idosa com relação a formas de amparo e moradia na velhice. Cabe ressaltar que uma moradia digna não se resume a ter um teto.

Moradia, de acordo com o Dicionário Michaelis, significa “lugar onde se mora ou habita, habitação, morada, casa. Na visão mais poética de Bachelard (2008), a casa é nosso canto no mundo. A moradia é direito social estampado no artigo 6º da Constituição Federal, reconhecido internacionalmente pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e ratificada no Pacto Internacional dos Direitos Sociais, Econômicos e Culturais (1966) que reconhece o dever do Estado de prover, por meio de políticas públicas a concessão deste direito a população de baixa renda (BRASIL, 1992).

É preciso identificar o que significa para a pessoa idosa uma moradia digna e de que maneira ela existe na prática, servindo os resultados como uma espécie de guia para a importante decisão de onde morar na velhice. Ou ainda a fim de constituir uma referência



para a manutenção ou melhoramento das condições de moradia pela sociedade, bem como um estímulo para as novas políticas públicas habitacionais voltadas à satisfação da pessoa idosa.

Segundo Jean Baudrillard (2008), a relação das pessoas com suas moradias é muito mais profunda do que parece, pois não se trata do consumo de bens, mas consumo de símbolos. Mudar-se permite uma espécie de realinhamento crítico das pessoas em relação às suas posses. Os objetos deixam de ter o seu fim prático e passam a expressar novos valores, crenças e personalidades, levantando o questionamento sobre a obrigatoriedade da pessoa idosa em se desfazer de símbolos que o acompanharam a vida inteira, algo que não é necessário fazer ao mudar-se para uma *cohousing*, pois o espaço será respeitado e ressignificado conforme cada morador.

A casa é referência de origem, relações familiares e comunitárias. Lugar de trocas, segurança, estabilidade e autorreconhecimento, que coloca o sujeito em um tempo e espaço (SILVA et al., 2010). Em dicionários de língua portuguesa, o significado da palavra ambiência abrange “o meio (habitat) em que vive um vegetal ou animal”; ou seja, o que rodeia; meio físico ou moral, alegria e entusiasmo (PRIBERAM, 2016; MICHAELIS, 2017). Ainda, espaço arquitetonicamente organizado e animado, meio físico, estético e psicológico, especialmente preparado para o exercício das atividades humanas, conjunto das características sociais, culturais, emocionais que rodeiam uma pessoa e que influenciam seu comportamento.

Na perspectiva de viabilizar aspectos favoráveis à promoção e humanização dos serviços de saúde, a ambiência é vista como um facilitador das ações e das relações entre funcionários e usuários do Sistema Único de Saúde brasileiro, conforme a Política Nacional de Humanização da Saúde (2008). Nessa política, o Sistema Único de Saúde - SUS apresenta uma série de medidas visando valorizar relações e vínculos por meio da ambiência, “tratamento dado aos espaços físicos, entendido como espaço social, profissional e de relações interpessoais” (BRASIL, 2008) no território da saúde populacional.

Todas essas questões perpassam temas como envelhecimento, moradia, ambiência, relações sociais e familiares, relações de cuidado e afetam diretamente a saúde da pessoa idosa que, em alguns casos, pode desenvolver a dependência dos demais através das influências do meio em que vive. A temática da moradia da pessoa idosa é importante não apenas pelo número de interessados ou pela quantidade de moradias ocupadas por pessoas idosas, no Brasil e no mundo, mas também pelo viés qualitativo.

## **CAPÍTULO 4**

### **CASAS E LARES**

Existem algumas opções de moradia para o acolhimento da pessoa idosa que precisa de assistência. Ele pode se reaproximar da família, alguém assumir o cuidado informalmente, contratar um cuidador formal ou ser institucionalizado. Quanto aos idosos que não precisam ser assistidos em tempo integral, quais as opções?

Um dos objetivos deste capítulo é demarcar o surgimento de um novo modelo habitacional no Brasil, que apesar de popularizado internacionalmente, se torna ainda mais interessante ao colocar o idoso como foco, surgindo como uma opção para a pessoa idosa independente, sem que esse perca seu senso de privacidade e respeitando sua autonomia, ao poder escolher onde habitar, lhe oferecendo alguma uma opção.

O presente capítulo, está dividido em três seções:

- a) na primeira seção, discorro sobre as opções de moradia que o idoso tem, além de viver sozinho que, como visto anteriormente, não tem boas contribuições à sua qualidade de vida;
- b) na segunda seção, reforço a importância de preservar e respeitar a autonomia e as decisões da pessoa idosa, sempre que possível;
- c) e na terceira seção, trato da moradia colaborativa e dos princípios da *cohousing*.

#### **4.1 NOVOS OLHARES PARA A MORADIA DO IDOSO**

Com o avanço da idade, muitas questões surgem sobre necessidades de cuidado ao idoso e em que local esses cuidados serão oferecidos. Buscando evitar que a pessoa idosa viva sozinha e possa estar desassistida, é muito comum a responsabilidade filial ser uma norma social que envolve atitudes e comportamentos de cuidados dos filhos para com os pais durante o processo de envelhecimento.

Estudos indicam que, muitas vezes, as responsabilidades pelo cuidado não são uma escolha dos filhos, mas uma imposição das circunstâncias que se apresenta de várias formas, seja por morar mais perto, ter mais tempo livre, conviver mais com os pais, ser o único que possui automóvel, ou até mesmo por ser da área da saúde e conhecer mais sobre os cuidados que devem ser prestados.(AIRES,et al. 2017)(GAMA, 2011)(CARGNIN, et al. 2020). Moherdau e colaboradores, ainda afirmam que o fator “obrigação” é reforçado quando há

falta de rede de apoio, e que a “reciprocidade” é o fator mais importante como motivação para o cuidado ser mantido.

As atitudes englobam tanto sentimentos de obrigação e afeto, como orientação familiar e desejo de reciprocidade, ou seja, de sentir-se responsável e de retribuir aos pais o cuidado recebido, por isso é comum os pais irem morar com seus filhos durante a velhice (FONSECA; PENNA, 2008). A tendência do cuidado ao idoso ser feito pela família também é reforçada pelo Estatuto do Idoso (2003) em seu artigo 3º, parágrafo V: “(...) a priorização do atendimento do idoso por sua própria família”.

Ainda que muitas vezes as convivências sejam equilibradas entre os idosos e seus familiares cuidadores, não é incomum que conflitos desponem, seja com a não adaptação do idoso aos novos meios de cuidados, a convivência com outros familiares, ao novo local de moradia ou pelos sentimentos vivenciados pelos próprios cuidadores. O cuidador também experimenta emoções quando está neste papel e pode desenvolver estresse se não aprender a lidar com sentimentos como impotência, intolerância, irritabilidade e culpa. É importante reconhecer seus limites físicos e emocionais, buscando a colaboração de outras pessoas com quem ele possa dividir esta responsabilidade (BRASIL, 2014).

Quando as relações já não estão harmoniosas para algum dos agentes, a convivência torna-se desagradável. A afetividade é central à coesão e ao apoio familiar enquanto que os sentimentos negativos, que podem gerar estresse e agressividade, caracterizam o conflito. O conflito é quase um aspecto normativo das relações familiares e afeta significativamente o funcionamento familiar quando a afetividade é enfraquecida. Baixo afeto e incertezas nos relacionamentos intergeracionais têm sido associados a consequências negativas para o bem-estar da pessoa idosa e indicam uma pior qualidade de vida na velhice (RABELO; NERI, 2014).

Uma opção para evitar a solidão e a falta de assistência quando as relações familiares se desestabilizam, seriam os cuidadores formais. De acordo com o Ministério da Saúde (2012), o cuidador formal é o profissional preparado em uma instituição de ensino, certificada pelo Ministério da Educação, para prestar cuidados no domicílio, segundo as necessidades específicas do usuário. Habitualmente, o cuidador formal não faz parte do grupo familiar. Esta decisão, porém, implica em despesas que muitas vezes não podem ser assumidas pelo idoso, nem pela família. No Brasil, o projeto de Lei nº 3022/2020 que estabeleceria um auxílio-cuidador para pessoas idosas foi vetado pelo Supremo Tribunal Federal ainda em

2021. O mesmo, auxiliaria a pessoa idosa na contratação de cuidador formal, porém, mesmo que aprovado, deteria algumas exigências que excluiriam idosos independentes, permanecendo um afunilamento nas opções desse idoso.

A medida que há dificuldade de inserção desta pessoa idosa no âmbito familiar, e os recursos não são suficientes para a contratação de um cuidador formal, resta a possibilidade de inserção em uma instituição de longa permanência para idosos – ILPI, destinada ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Porém, em geral, estas instituições apresentam um poder disciplinar e são marcadas por regras rígidas e rotina diária regida por horários determinados.

Devido à vida padronizada e à falta de perspectiva, as pessoas idosas perdem o direito de expressar sua subjetividade e seus desejos, vendo sua vida limitada social, afetiva e sexualmente em um espaço físico semelhante a grandes alojamentos, onde raramente se encontra uma proposta de trabalho voltada para a manutenção de pessoas idosas independentes e autônomas, ou seja, perdem sua individualidade e se tornam a instituição (ALVES-SILVA et al., 2013). Segundo o estudo de Pavan et al. (2008), o tão sonhado tempo livre no ambiente da instituição acaba por se tornar um tempo vazio de significado, convertendo-se na experiência desoladora da espera pela morte. Isso demonstra que a pessoa idosa ainda tem sido encarada muitas vezes como uma pessoa improdutivo e o que tem sido feito para mudar essa situação ainda está longe do ideal.

A falta de políticas públicas efetivas voltadas às necessidades do idoso institucionalizado também reflete na qualidade de vida destes idosos haja vista o desamparo social e da família, as demandas reprimidas de agravos de saúde como depressão e outras. Apesar das novas exigências de proteção ao idoso e conhecimento das legislações, muitos continuam morando em ILPIs precárias em infraestrutura e com poucos profissionais preparados; a maioria não respeita sua autonomia e necessidade de socialização. Como há no Brasil grande diversidade cultural e desigualdade social, as instituições para idosos acompanham esse perfil nos padrões de qualidade, atendimento e infra-estrutura ( BEZERRA, SILVA, 2017).

Uma moradia digna também é aquela que é resultado da livre escolha do morador. Deve-se permitir a pessoa idosa escolher aquele lugar que considera o melhor para sua moradia, um lugar que não seja imposto por terceiros, e que caiba em seu orçamento. Segundo Kunzler (2016), o papel do Estado consiste em dar uma casa ou facilitar as condições de sua aquisição, oferecendo a infraestrutura adequada. O papel da sociedade é justamente

não interferir nessa escolha, apenas dar condições para que os direitos como liberdade e autonomia sejam mantidos também na velhice quando possível e desejável.

Sendo assim, é fundamental a implementação de políticas públicas para pessoas idosas, visando a autonomia, o autocuidado e a integração social, ao mesmo tempo que sugere-se a redução das internações e a institucionalização desnecessárias, já que as instituições visam tratamentos e cuidados profissionais. Mas, vale mencionar,, que a institucionalização é uma resolução apropriada, quando há limitações físicas ou cognitivas e perda da autonomia (LIMA, 2005). Lilian Lubochinski (2017) também destaca que quando a solidão é a única causa da institucionalização, o resultado da perda de autonomia implicada é a depressão e seus dramáticos desfechos, incluindo a queda na qualidade e na expectativa de vida deste idoso.

A contar de 1990, o Brasil já experimentava modelos de Repúblicas destinadas aos idosos, principalmente nos estados Rio de Janeiro e São Paulo. Estes consistem,, até hoje, em casas onde cada um pode ter a individualidade do seu quarto, mas compartilha de ambientes como sala de estar, cozinha e banheiro e demais áreas de lazer e espaços sociais. Algumas repúblicas são de caráter temporário, e em outras o idoso pode encontrar ali, seu local para uma residência permanente. Para idosos que toleraram situações de insuficiência familiar, vivência de rua, passagens por albergues e cortiços, o modelo tem se mostrado eficiente, acolhedor e uma verdadeira representação da qualidade de vida que buscavam. Estes espaços, porém, comportam um pequeno número de idosos e precisam administrar questões de desavenças rotineiras, quanto a ocupação, limpeza e bom uso dos espaços compartilhados, perda de privacidade e desentendimentos entre moradores que em tarefas rotineiras, e acabam experienciando o convívio forçado com suas desavenças (SANTOS, 2014) (FORTES, 2010). Soma-se também a dificuldade em encontrar casas de grande porte e passíveis de adaptações necessárias a vivência do idoso.

Nesse sentido, parte-se da hipótese de que esse grupo etário experimentou trajetórias de vida diferenciadas que vão afetar as suas condições na última etapa da vida. Essas trajetórias são fortemente marcadas pelas desigualdades sociais, regionais e raciais em curso no país. As políticas sociais podem reforçar essas desigualdades ou atenuá-las, bem como os mitos, os estereótipos e os preconceitos em relação à população idosa (CAMARANO; PASINATO, 2004). Diante de tal heterogeneidade, Monteiro (2015) afirma que apesar de haver grande empenho do poder público em implementar modalidades habitacionais adequadas às necessidades da população idosa, não se obterá uma percepção comum sobre o mesmo lugar de moradia.

Inicialmente, precisa-se garantir o acesso a uma casa e a uma comunidade segura para viver em paz, com dignidade e saúde, para que as pessoas idosas possam desenvolver sua

autonomia, e não apenas “estar” em um local com pouca ou nenhuma relação de propriedade do lugar, do espaço no qual se vive. Mas, nele “habitar” que, por sua vez, refere-se a grau maior de propriedade do espaço em que se vive e participação mais intensa na organização material e simbólica desse espaço. (SARACENO, 1999).

#### 4.2 O RESPEITO A AUTONOMIA

A palavra autonomia vem do grego “autos”, próprio, e “nomos”, regra, ou lei. Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, autonomia é “aptidão ou competência para gerir sua própria vida, valendo-se dos seus próprios meios, vontade e/ou princípios. A pessoa autônoma diante de sua liberdade age conforme suas escolhas, sem nenhuma influência. Reconhecer que cada pessoa tem suas escolhas, seus valores, suas crenças e sua individualidade, é respeitar a autonomia e não violar seus direitos, sendo assim, a autonomia está diretamente relacionada ao princípio da dignidade humana, pois reconhece o homem como sujeito de direitos. (Aghich,2008) (Beauchamp, 2002).

Quando pensamos sobre escolhas em direção à moradia, várias questões manifestam-se. Posso ter um espaço para viver, mas é diferente de poder escolher seu “lugar no mundo”. Meu lugar vai além de erguer paredes, ou ter um teto sobre a cabeça. Já dizia Tuan (1983), o lugar é fechado, íntimo e humanizado, já o espaço seria qualquer porção da superfície terrestre, amplo, desconhecido, temido ou rejeitado, e provocaria a sensação de medo, sendo desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva.

É imprescindível que a habitação do idoso, não seja mais pautada apenas como um problema social, mas sim como uma questão pública carecendo de atenção, políticas inovadoras e contemporâneas, que levem em consideração as necessidades, vontades e novas maneiras da pessoa idosa elaborar seu processo de envelhecimento. Não se trata de apenas alocar o idoso, mas pensar em um espaço que leve em conta suas aspirações, condições funcionais, aspectos culturais e sociais, dentre outros.

O Plano Internacional para o Envelhecimento (ONU, 2007), na “Orientação Prioritária II: Criação de ambiente propício e favorável”, Tema 1: “Moradia e condições de vida”, já predizia a importância de não apenas possibilitar o acesso do idoso ao lar, mas que ele possa escolher como e onde passar sua velhice quando destaca que uma moradia satisfatória pode trazer benefícios para a saúde e o bem-estar. É também importante que, sempre que possível,

os idosos tenham a possibilidade de escolher devidamente o lugar onde queiram viver, fator que é preciso incorporar às políticas e programas.

Siqueira (2014) elucida o conceito de “autonomia” sob diferentes perspectivas, onde o idoso não apenas escolhe, mas também “toma frente e participa das decisões e de como as coisas são feitas”. Ao combinar a legislação, a vivência e os relatos, a autonomia incorpora o protagonismo. A coletividade tem de viabilizar que o idoso possa aprender e construir seu protagonismo na busca por direitos, pois apesar de um número crescente de idosos, a busca por políticas que não os invisibilizem é constante em qualquer esfera jurídica.

Na juventude, somos levados a construir e imaginar narrativas sobre como serão nossos lares. Moraremos em casas, com filhos e cachorros? Compraremos um apartamento? Vamos preferir viver no campo? Quantos adolescentes não sonham em morar com os amigos? Estamos iniciando nossa construção social, nos reconhecendo como pessoa e muitos já esperam que tracemos objetivos concretos sobre o assunto. Mas, quando se trata do idoso que é percebido como a pessoa que já traçou o que é importante para si e já “cumpru com seu papel social” as opções se afunilam. É possível observar na relação entre sociedade e idosos que não há tanto espaço para novos projetos e novas aspirações, e a eles só resta escolher o que, na verdade, já foi pré-determinado por alguém. É disso que se trata a autonomia, enquanto a ele cabe decidir, cabe a nós enquanto sociedade oferecer as melhores opções e verdadeiramente ouvir essa voz.

#### 4.3 HABITAÇÃO COLABORATIVA E O MODELO DE *COHOUSING*

De acordo com Scotthanson (2004), as habitações coletivas podem ser consideradas a chave para a sustentabilidade no mundo ocidental, onde as pessoas têm um modelo de vida cada vez mais voltado para os interesses individuais. O atual padrão de habitação tradicional é a comprovação de que o senso de comunidade já é quase inexistente, em conjuntos urbanos formados por apartamentos cada vez menores, áreas de lazer cada vez mais extensas e utilizadas individualmente sem agregar formas colaborativas de morar.

Favorecendo este pressuposto, pode-se acrescentar a reflexão de Zygmunt Bauman (2004) que aborda a fragilidade dos laços humanos na pós-modernidade em seu livro *Amor Líquido*. O sociólogo considera que o modo tradicional de morar atualmente são segregacionistas e exclusivistas. O autor também aponta que esse tipo de habitat é reflexo do

esfacelamento das habilidades de sociabilidade, além de promover o isolamento do indivíduo com a cidade em que vive.

Considerando as formas de morar cada vez mais individualistas, e o estreitamento de opções que favoreçam a interação, advém, então, a proposta de criar um espaço habitacional colaborativo, que acabou sendo bem-visto por vários países. A iniciativa, conhecida como co-lares, termo que vem do inglês *cohousing*, é uma tendência mundial como alternativa para incentivar a sociabilidade e novas formas de interação. A ideia é oferecer um estilo de moradia em que não há cercas e os moradores são amigos, mas também preservam sua privacidade, e tem a liberdade de expor nas paredes de suas casas as lembranças que fizeram parte da sua vida, como ocorre com os idosos protagonistas desta pesquisa.

O primeiro modelo de *Cohousing* foi construído em Copenhague, na Dinamarca, na década de 1970 e abrigava 27 famílias e teve como idealizador o arquiteto Jan Gudmand-Hoyer. Todavia, o impulso que colocou o movimento de moradia colaborativa em pauta, aconteceu após a publicação de um artigo escrito em 1967, pela psicóloga Bodil Graee, titulado “*Every child should have 100 parents*”. O arquiteto Charles Durrett foi quem popularizou o sistema com o nome de “*cohousing*”, tradução de *bofællesskaber*, o nome dinamarquês que significa “vida em comunidade”. Este modelo de habitação se tornou popular em países como Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, e atualmente, 1% da população dinamarquesa vive em *cohousing* (cerca de 50 mil pessoas), mas apenas nos últimos anos que estes recintos começaram a dar espaço exclusivo aos idosos (LIETAERT, 2007) (DURRETT, 2009).

A arquiteta brasileira e entusiasta de co-lares, Lívia Lubochinski (2018), destaca que chama atenção que uma ideia que surgiu através da iniciativa de compartilhamento de cuidado com esta etapa de fragilidade inerente à vida (a infância), que eram facilitados pela proximidade física entre pessoas amigas, agora está sendo aproveitado em outra etapa de fragilidade inerente ao ciclo de vida: o tempo de velhice. Na *cohousing* para idosos, os compartilhamentos de cuidados mútuos, facilitados pelos vínculos relacionais e acrescidos pela proximidade física, alcançam melhores patamares de qualidade de vida.

Para os teóricos sobre o tema, Kathryn McCamant & Charles Durrett (2011) e Scotthanson & Scotthanson (2005), *cohousing* é um tipo de comunidade intencional para pessoas que tem como prioridade resgatar o verdadeiro sentido de bairro e viver em comunidade. Christian (2003) conceitua a comunidade intencional como sendo um habitat em que um grupo de pessoas escolhe por viver juntas ou suficientemente perto uns dos outros com a intenção de compartilhar um estilo de vida ou propósito que retratem seus valores



fundamentais. No que tange aos princípios projetuais, a disposição das instalações e o seu desenho físico tem como principal objetivo promover o bem estar físico, emocional e social dos residentes.

De acordo com McCamant & Durrett (2011), comunidades norteadas pelos princípios de uma *cohousing* podem variar em tamanho, localização, prioridades projetuais com diferentes programas de necessidades, características dos grupos residentes, porém todas elas compartilham de seis princípios:

- a) **processo participativo:** Todos devem participar ativamente desde a concepção até a finalização do projeto, assim como de todas as decisões finais;
- b) **projeto de habitat comunitário:** A disposição das unidades privadas, deve incentivar a interação social dos moradores, contando com espaços verdes, praças, estacionamentos e ruas centralizadas destinadas ao encontro espontâneo entre vizinhos, aumentando a interação entre pessoas e com o ambiente;
- c) **instalações comuns:** O salão é o elemento comunitário principal. O local pode servir para interação (salão de jogos, palestras, atelier), assim como ponto de confraternizações. Compartilhar refeições neste local é um dos elementos chaves para uma vida comunitária saudável;
- d) **autogestão:** a tipologia desse tipo de habitat requer a participação ativa de todos nas decisões de interesse da comunidade. Em uma *cohousing*, as reuniões comunitárias são geralmente mensais e acontecem no salão comunitário;
- e) **ausência de autoridade:** ausência de hierarquia no grupo de moradores. Todos possuem direitos iguais e seus respectivos deveres e responsabilidades na comunidade. As atividades de manutenção física e social são tarefas divididas entre os moradores;
- f) **rendimentos separados:** Cada morador possui e administra sua própria fonte de renda.

Há ainda a discussão de quando um condomínio colaborativo pode ou não ser denominado *cohousing*. Geralmente, o modelo segue normas de arquitetura que facilitam a vida em comunidade e criam situações de encontro entre as pessoas, mas o foco vem mudando, ao dar destaque às relações que acontecem nestes locais, mais do que sua estrutura física. Pensa-se mais nas vantagens de viver em comunidade, do que apenas na estruturação das residências.

## CAPÍTULO 5

### COHOUSING OU NÃO, O PRINCÍPIO É COLABORAR

No capítulo abaixo, discorro sobre o Programa Habitacional Cidade Madura, uma política em ascensão, que busca oferecer uma moradia digna à pessoa idosa independente. O primeiro condomínio deste modelo de habitação, se deu na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, e desde 2014 segue contemplando idosos que atendem às exigências do programa. Para participar, o idoso deve realizar sua inscrição na Secretaria de Desenvolvimento Humano do Estado da Paraíba. Comparando aspectos físicos, o modelo poderia facilmente ser denominado como *cohousing*, e para me aprofundar no assunto, trago a perspectiva de funcionários que vivenciam a rotina diária deste espaço de moradia e compartilhamento.

Este capítulo é dividido em três seções:

- a) na primeira, trago um pouco da história e informações sobre o Programa de Habitação Cidade Madura;
- b) na segunda seção, trago dados do primeiro condomínio em funcionamento e discuto a relação entre o Cidade Madura de João Pessoa e os princípios da *cohousing* de acordo com os principais teóricos do tema;
- c) na terceira seção, exponho alguns relatos, na concepção de quem trabalha no condomínio.

#### 5.1 CIDADE MADURA – HABITAÇÃO COLABORATIVA PARA IDOSOS

Envelhecer com qualidade de vida e dignidade requer planejamento, sendo um dos maiores desafios do poder público no contexto de transição demográfica atual. As Nações Unidas (2015) elencaram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que pretendem até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para mulheres, crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência.

Pensando nas pessoas idosas, o estado da Paraíba saiu na frente e lançou em 2014 um projeto avançado de política pública integrada e transversal, realizando a articulação das diversas áreas governamentais: Habitação, Assistência Social, Saúde, Segurança Pública e Educação, dando origem assim, ao primeiro condomínio horizontal de pessoas idosas do país, o Cidade Madura. O Cidade Madura é um exemplo de habitação colaborativa no Brasil. Teve seu marco legal em 2014, sendo um projeto habitacional criado através do estado da Paraíba

por meio do Decreto Nº35.072. Tem o objetivo de promover o acesso de pessoas idosas de ambos os sexos, à moradia digna e equipamentos para a convivência social e lazer em condomínio habitacional adequado para a pessoa idosa. O Cidade Madura como política de estado é direito um assegurado. (ESTADO DA PARAÍBA, 2014).

Para residir no condomínio, a pessoa idosa precisa preencher uma série de requisitos, como ser independente e ter autonomia, não possuir imóvel, residir no estado há pelo menos 2 anos e preferencialmente na cidade do residencial, dentre outras exigências. Porém, a propriedade é do estado, sendo de usufruto habitacional da pessoa idosa. Já foram investidos mais de 38 milhões de reais neste modelo de habitação, todo o valor sendo de recursos próprios do tesouro do estado da Paraíba. O primeiro modelo se encontra na capital João Pessoa, e os demais residenciais já construídos estão nas cidades de Guarabira, Campina Grande e Cajazeiras, Sousa e Patos, totalizando 6 empreendimentos (ESTADO DA PARAÍBA, 2019).

O site oficial<sup>14</sup> do estado da Paraíba apresenta o Cidade Madura como um Projeto Habitacional com objetivo de promover o acesso da pessoa idosa à moradia digna, equipamentos para a convivência social e lazer, constituindo-se em Política de Estado, e implementado de acordo com as diretrizes da Política Estadual para a Pessoa Idosa e em conformidade com o Estatuto do Idoso. Todos os residenciais contam com unidades habitacionais adaptadas para as necessidades da pessoa idosa, Núcleo de Assistência à Saúde com sala de enfermagem, curativos e repouso, Centro de Vivências, Sala Multiuso, praça com pista de caminhada de academia de saúde ao ar livre, horta comunitária, estacionamento, segurança e serviço de portaria. A unidade da cidade Guarabira, conta com uma sala com computadores, para aulas de informática e também recebeu placas de energia solar fotovoltaica, permitindo a diminuição dos gastos com energia elétrica em até 80% para os idosos.

A Secretaria de Desenvolvimento Humano do Estado da Paraíba é a mantenedora do Programa Habitacional Cidade Madura, que foi desenvolvido por meio da Companhia Estadual de Habitação Popular (Cehap) responsável pela construção. A respeito da Política Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa, o programa se destaca como principal serviço, abrangendo os eixos de Proteção e Defesa Social e de Habitabilidade. Mesmo ocupando apenas a 14ª posição no número de idosos por estado de acordo com a estimativa do IBGE (2018), tendo uma população de aproximadamente 560 mil idosos, o estado se destaca pela

---

14 <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-de-desenvolvimento-humano/programas/condominio-cidade-madura>

política pensada para o público idoso e já figura entre os melhores para se viver na velhice, mais especificamente, em sua capital, a cidade de João Pessoa<sup>15</sup>. que esteve recentemente no *ranking* de melhores cidades do mundo para viver após a aposentadoria, pela organização *International Living*.

## 5.2 JOÃO PESSOA – “O PRIMOGÊNITO”

João Pessoa é um município brasileiro, capital e principal centro financeiro e econômico do estado da Paraíba. Com população estimada em de 825.796 habitantes, a capital paraibana é a oitava cidade mais populosa da Região Nordeste. É conhecida como "Porta do Sol", devido ao fato de, no município, estar localizada a Ponta do Seixas, que é o ponto mais oriental das Américas, o que faz a cidade ser conhecida como o lugar "onde o sol nasce primeiro no continente americano" (IBGE, 2018).

E foi justamente a primeira capital a sediar o primeiro exemplar do programa Cidade Madura de João Pessoa – PB, o condomínio de habitação colaborativa voltado para idosos que está há mais tempo em funcionamento no país. No condomínio da capital, muitos idosos já foram contemplados pelo programa, em seus 6 anos de funcionamento. A estrutura conta com 40 unidades habitacionais, e durante a realização desta pesquisa, o condomínio era o lar de 42 idosos, sendo 30 mulheres e 12 homens, de acordo com informações obtidas nas entrevistas com as assistentes sociais que trabalham no local..

No Brasil, este arquétipo seria o mais próximo que temos de uma *cohousing* em funcionamento. Ao compararmos as instalações e os meios de convivência do condomínio Cidade Madura com os seis princípios da *cohousing*, descritos por McCamant & Durrett (2011), pode-se identificar a contemplação de, pelo menos, quatro deles:

- a) **projeto de habitat comunitário:** A disposição de cada unidade residencial foi projetada visando a interação entre os idosos. O condomínio ainda conta com locais que servem como um ponto de encontro espontâneo entre vizinhos, como as hortas (o condomínio possui horta elevada e horta baixa), o redário, pista de caminhada, uma

---

15 A organização *International Living* rankeou as cidades brasileiras de João Pessoa – PB e Fortaleza – CE , como estando entre as melhores do mundo para se viver após a aposentadoria. Disponível em: <https://internationalliving.com/one-of-the-best-retirement-destinations-in-northeast-brazil/>

O Canal 50+ elegeu João Pessoa como a melhor cidade do Brasil para se aposentar, após avaliar 16 marcadores sociais e de acessibilidade, Índice de Desenvolvimento Humano e contar com a Participação Popular. <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/secretarias-e-orgaos/joao-pessoa-e-eleita-melhor-cidade-do-brasil-para-se-morar-apos-aposentadoria/>

pequena praça com mesas de jogos, academia ao ar livre, e ainda a rua central destinada a pedestres, uma das principais características da *cohousing*;

**b) instalações comuns:** Os idosos compartilham de espaços como salas multiuso e o centro de vivências (um tipo de salão comunitário), que é equipado para que aconteçam refeições e confraternizações no local;

**c) ausência de autoridade:** Entre os moradores não há hierarquia e tudo é decidido através do consentimento;

**d) rendimentos separados:** Cada idoso tem seu próprio rendimento, seja salário, benefício socioeconômico ou aposentadoria. Ao condomínio paga-se uma pequena taxa e arca com as despesas de água e energia, que são independentes. O restante de seus rendimentos é administrado pelo próprio da maneira que desejar.

No caso do Cidade Madura, não foi possível que os idosos contemplassem o Princípio do **Processo Participativo** desde a concepção do projeto, visto que se tratou de uma iniciativa pública, em que os beneficiados foram selecionados após sua conclusão (e ainda são selecionados, conforme vacância), mas mesmo assim, contempla-se em partes, pois eles participam das decisões finais enquanto residentes.

O princípio da **Autogestão**, do mesmo modo, não é totalmente contemplado, pois mesmo que aconteça a participação ativa nas reuniões e decisões de interesse dos residentes, ainda há a participação de agentes do estado, por se tratar de uma instituição administrada pelo poder público. Então, são indispensáveis que agentes externos participem da gestão de alguns pontos, como por exemplo, da segurança. A gestão da segurança é de incumbência da Polícia Militar do Estado da Paraíba, que mantém uma pequena instalação as dependências do condomínio e presta serviço de salvaguarda permanente.

Existem outros profissionais que realizam a gestão de situações e locais específicos, como o profissional de Enfermagem. Por atender idosos, que podem ser senis ou senescentes<sup>16</sup>, desde que tenham sua funcionalidade e autonomia preservadas, o condomínio possui um Núcleo de Saúde, com sala de curativo e de repouso, onde existe a necessidade de um profissional preparado para manejar as adversidades que podem surgir no processo de envelhecimento, assim como identificar e administrar situações de urgência e emergência.

As Assistentes Sociais também trabalham no condomínio realizando visitas técnicas sociais, buscando garantir uma boa qualidade de vida dos moradores, e realizando mediações

---

16 Senescência: Um processo natural, de diminuição progressiva da reserva funcional dos indivíduos. O que, em condições normais, não costuma provocar qualquer problema. Senilidade : Condições patológicas associadas ao envelhecimento que requeiram assistência, por exemplo, doenças, acidentes e estresse emocional (BRASIL, 2006).

com os familiares. Apesar de a pessoa idosa habitar em um novo local, destinado a ela, o vínculo familiar sempre deve ser mantido. Além da aproximação dos familiares contribuir com os aspectos emocionais do idoso, não se pode esquecer que o local não presta serviços de cuidados, então a família precisa se manter íntima, caso o idoso adoença, se torne dependente ou precise retornar à família por algum motivo.

Os auxiliares de serviços gerais trabalham na manutenção dos espaços coletivos, quando estes exigem esforço físico, como por exemplo, cortar a grama em grandes áreas de lazer, serviços de pintura e limpeza do salão comunitário, etc.

Ainda há a participação voluntária de um Educador Físico, que realiza atividades com os idosos três dias por semana, e um Psicólogo que os acompanha semanalmente.

Apesar desses dois últimos princípios não serem contemplados em sua totalidade, eles são apenas moldados, ponderando que esta moradia colaborativa atende a um grupo específico que necessita de um olhar diferenciado. Os moradores são idosos, com histórias de vidas diversas, com limite de rendabaixo, que não possuíam casa própria, então como saber qual o tipo de acesso à direitos essa pessoa tinha antes de chegar até este local? Nesse sentido, os agentes que acabam interferindo, e de certa forma descaracterizando a *cohousing*, são também os intermediários para que a habitação ocorra de maneira tranquila, segura, e que beneficie o elemento central, neste caso, o idoso.

Outros teóricos, como Scotthanson & Scotthanson (2005) apontam algumas vantagens que caracterizam a moradia em *cohousing*, e ao contrapor com o que se encontra no Cidade Madura, pode-se ver que, mais uma vez, o condomínio apresenta as mesmas vantagens, como:

- a) ambiente seguro:** Pois os moradores se conhecem e facilmente percebem a presença de estranhos. Uns cuidam dos outros;
- b) oportunidade de interação, sem perda da privacidade:** Existem vários locais que possibilitam e incentivam a interação social, e ao mesmo tempo, o idoso tem seu local de intimidade, onde também pode ter seus objetos pessoais e de valor (financeiro ou pessoal) resguardados;
- c) contribuição:** A *cohousing* possibilita o compartilhamento de habilidades com outras pessoas, como habilidades culinárias (nos dias de confraternizações), de jardinagem (neste caso, através das hortas), de artes ou de jogos, por exemplo;
- d) compartilhar instalações:** Morar em uma *cohousing*, permite que a pessoa tenha mais instalações do que se ela vivesse sozinha, ou em habitações tradicionais. No caso, o condomínio possui academia ao ar livre, redário, praça com mesas de jogos, etc.;

**e) diminuição do custo de vida:** No condomínio, além de não pagar por aluguel ou prestações, o idoso ainda tem a oportunidade de diminuir custos compartilhando caronas, refeições, dividindo serviços como de internet, etc.;

**f) mais tempo fora de casa:** As *cohousing* tem a característica de permitir e incentivar o tempo fora de casa. Permite por oferecer um ambiente seguro e acessível ao idoso, e que incentiva a ver os vizinhos, caminhar, aproveitar as redes, plantar, etc.

Levando em consideração os fatores e princípios descritos, poderíamos cogitar que o Cidade Madura seria um modelo de *cohousing* já em funcionamento no país, se considerássemos apenas a observação das instalações e suas configurações. A fim de nos aprofundarmos no ambiente pesquisado, buscou-se ouvir as vivências compreender as percepções sobre o modelo de moradia de funcionários que acompanham a rotina diária do Cidade Madura.

### 5.3 O CIDADE MADURA SOB A PERSPECTIVA DO FUNCIONÁRIO

Apesar de não residirem no local, os funcionários acabam se tornando agentes ativamente participantes, especialmente quando se trata do público idoso. São eles que observam, apoiam e intervêm quando necessário ou solicitado. O Programa Habitacional Cidade Madura, da cidade de João Pessoa, conta com 8 funcionários, sendo 2 assistentes sociais, 1 técnica de nível superior, 2 porteiros/recepcionistas, 2 auxiliares de serviços gerais e 1 colaborador administrativo. Ao longo da pesquisa, entrevistei 3 pessoas que trabalham no local. Alguns pontos relevantes que foram perguntados e serão analisados nesse tópico estão relacionados as funções que eles desenvolvem no local, a rotina, o relacionamento com os idosos e o modelo de moradia.

Cristina, 44 anos, é Assistente Social, trabalha no Cidade Madura a pouco mais de 5 meses, quando o setor de serviço social foi implantado. Cristina trabalha em parceria com Susane, 52 anos, Assistente Social no condomínio a 6 meses. As duas trabalham em períodos intercalados, e contam com um setor de Serviço Social onde podem receber os idosos.

Jair tem 40 anos, é vigia, e faz o controle de entrada e a recepção de todos que chegam e tentam acessar o condomínio. Jair passa a maior parte do tempo na sala da portaria, uma instalação localizada na entrada do condomínio, que ao lado da instalação dos Policiais Militares que realizam a salvaguarda do local. Estas instalações não são localizadas junto às unidades habitacionais.

As respostas foram categorizadas como: Funções que desempenha, rotina no condomínio, relacionamento com os idosos e opiniões sobre o modelo de habitação. Inicialmente, todos foram convidados a descrever suas funções no local:

“Temos a sala onde podemos atender os idosos, mas também realizamos as visitas técnicas sociais aos idosos, nas suas residências. Trabalhamos o fortalecimento de vínculo entre os idosos e os seus familiares quando necessários e também entramos em contato com os familiares dos idosos em caso de adoecimento.” (Informação verbal)<sup>17</sup>

“O local de trabalho pra mim é desafiador porque sempre trabalhei com crianças e adolescentes, e agora estou tendo minha primeira experiência com idosos. Nosso trabalho é de mediação com a família, pois todos têm sua autonomia.” (Informação verbal)<sup>18</sup>

“A minha função é mais aqui, estar recepcionando a entrada e saída de visitantes. Eu sou vigia, tenho que identificar a pessoa, saber onde vai, essas coisas (...) controlo também a entrada de equipamentos.” (Informação verbal)<sup>19</sup>

Ao descreverem a rotina dentro do condomínio, Cristina e Susane, por trabalharem no mesmo núcleo, referiram rotinas semelhantes:

“A rotina de trabalho se refere às visitas em seus domicílios, contato com as famílias quando eles se queixam ou estão doentes (...). Quando ha conflitos, orientamos. (...) recebemos os idosos na sala do Serviço Social e recebemos as demandas espontâneas (...) quando necessário solicitamos a presença do idoso.” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Começamos o dia visitando os idosos que apresentam alguma comorbidade. Dialogamos com a equipe do Núcleo de Saúde sobre o estado de saúde dos idosos. Também entramos em contato com os familiares dos idosos em casos de adoecimento (...). Fazemos as anotações no livro de ocorrências do Serviço Social.” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

Percebe-se que em ambos os relatos, a intervenção na rotina do morador só é realizada em caso de necessidade, ao envolver questões de saúde, que precisa de monitoramento para que o idoso não se torne dependente, uma das exigências para continuar a residir no condomínio. Também vemos o esforço na manutenção do vínculo familiar, caso o idoso precise de cuidados.

Ao abranger a rotina do condomínio, especialmente o relacionamento com os idosos, sob a perspectiva dos trabalhadores, os relatos foram os seguintes:

“Tenho um bom relacionamento com os idosos. As vezes os idosos não querem conversar, o distanciamento social e as regras de proteção os deixam um pouco

---

17 Fala da Assistente Social Cristina, durante entrevista, João Pessoa, 09 de mar. 2021.

18 Fala da Assistente social Susane, durante entrevista, João Pessoa, 07 de mar. 2021.

19 Fala do vigia Jair, durante entrevista, João Pessoa, 13 de set. 2021.



aborrecidos, mas logo passa. Nos tratamos com respeito e compreensão.” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“A relação com os idosos é tranquila. Alguns são mais expressivos e gostam de estar conversando a respeito da sua vida, angústia...(.) Outros preferem ficar em casa. Depois do almoço eles sempre descansam. Todos vão dormir (risos).” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“A minha relação com os moradores aqui é... eu me dou bem com todo mundo, graças a Deus! A gente conversa, a gente brinca. É boa! É bem saudável! O horário de movimento aqui é de manhã. Geralmente eles saem cedo fazer exames, essas coisas (...). Perto do meio dia eles voltam e se recolhem mais. Eles almoçam e vão descansar. Às vezes não aparece ninguém até umas três horas (da tarde). Daí eles começam a sair, vão ao mercadinho aqui na frente comprar pão, e ficam por aqui.” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

A pandemia por Covid-19 modificou a rotina do condomínio. Eles que antes tinham mais atividades de voluntários e estagiários de universidades locais, como oficinas de arte, plantio, atividades físicas, dentre outras, acabaram ficando sem esse acompanhamento. A maior interação vem acontecendo com os profissionais. Algo que chamou atenção dos trabalhadores foi o período de repouso após o almoço, algo que se tornou comum a todos os moradores.

Uma das questões levantadas foi relembrar algo que tenha acontecido e que de alguma maneira marcou o funcionário... As lembranças vão sendo construídas no cotidiano das interações, dos vínculos e revelam alguns desafios que os profissionais enfrentam no trabalho:

“O que mais me marcou foi o desligamento de uma idosa do Programa, devido a perda de autonomia. Não conseguia mais realizar suas atividades diárias sozinha e sofreu algumas quedas, daí seus familiares pediram o desligamento da idosa. (...) por mais que sejamos profissionais, antes somos seres sociais, humanos e acaba que pegamos afeto pelos idosos. Sabemos que um dia todos irão seguir seu caminho e que vão precisar de seus familiares, e por isso sempre estamos trabalhando o fortalecimento de vínculo familiar.” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Um acontecimento foi o desligamento de uma idosa que não queria sair do condomínio, mas devido sua falta de autonomia e a comorbidade, ela teve que ir pra uma Instituição de Longa Permanência de Idosos.” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

As duas narrativas demonstram a dificuldade do processo do desligamento do idoso do programa tanto para o funcionário que o acompanha e especialmente para o idoso. Outro aspecto diz respeito a importância da família e do idoso estarem sempre cientes de que um contexto de adoecimento mais grave e, conseqüentemente, de dependência de cuidados mais específicos pode chegar e o desligamento poderá ocorrer. O condomínio oferece o suporte necessário para uma boa qualidade de vida, enquanto o idoso não necessita de cuidados

específicos. Quando chega nesta etapa, o morador precisa ser encaminhado a um local que ofereça um serviço terapêutico, ou fica aos cuidados da família, mas não é fácil se despedir, pois como visto anteriormente, um pedaço da identidade, da privacidade e da autonomia deste idoso estará se perdendo.

Também surgiram relatos de lembranças positivas:

“O que me chama atenção aqui, é que mesmo alguns idosos tendo algum conflito, um com o outro, eles ainda preferem estar perto um do outro. O ambiente traz uma tranquilidade, uma paz, até pra mim mesma.” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Teve vários, viu? Mas teve um momento que mexeu com todo o condomínio. Foi uma festinha que a gente fez aqui, nessa pandemia. Como ninguém podia “tá” saindo, a gente se organizou, a gente funcionário e a coordenadora, a gente fez uma festinha. Cada um na sua casa, né? A gente botou uma cadeira e uma mesa na frente de cada casa, e a gente montou uma mesa ali no meio do jardim, enfeitou tudo com bandeira de São João, e em cada casa a gente foi deixando uma pamonha, canjica, bolo, essas coisas juninas (...) A gente se caracterizou com máscara, com equipamento de proteção e a gente corria aqui por dentro (...) cada um na frente da sua casa foi brincando. Mais no início da pandemia tava todo mundo triste por que não podia visita, e a família não podia vir, então a gente organizou isso pra eles.” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

A importância do olhar do colaborador a respeito do bem-estar dos idosos se destaca nas narrativas. Mesmo em meio a alguma discórdia, o ambiente favorece o bom convívio. E no caso da pandemia, ao mesmo tempo que possibilitou o isolamento dos idosos em suas casas, visando a segurança, o ambiente compartilhado e o envolvimento dos agentes, possibilitou a adaptação de um momento de lazer e descontração entre vizinhos.

Quando questionados sobre o modelo de habitação do Programa Cidade Madura, e se ele poderia ser uma opção para idosos independentes para ser reproduzido em outros estados do país, surgiram as seguintes respostas:

“Sim, muitos idosos recebem um salário mínimo para pagar aluguel, comprar medicamentos, alimentos. No Programa Habitacional Cidade Madura só pagam uma taxa, tem segurança 24 horas pela Polícia Militar do Estado e um cenário de paz, tranquilidade e de inclusão social. Os idosos já trabalharam muito durante a vida e precisam de paz para aproveitar a melhor idade da melhor forma.” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Sim, é uma boa ideia por que muitos idosos ficam sozinhos, viúvos e uns sem família e neste modelo habitacional eles não se sentem só, por que as casas são conjugadas de duas em duas, e todos ficam próximos e fazem amizades uns com os outros.” (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Com certeza, o Projeto Cidade Madura do Estado da Paraíba, serve como exemplo para outros estados, eu só melhoraria talvez, alguma coisinha na acessibilidade, fora

isso, eu não mudaria nada não.(...) Sempre tem muitos projetos com os voluntários, com os estudantes de medicina, de nutrição, o professor de educação física, o psicólogo, o pessoal do PSF. Sempre tem alguém com eles fazendo atividades que eles participam e gostam, vou até te mandar umas fotos”. (Informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

As respostas corroboram com os resultados que os demais teóricos apresentaram sobre as moradias colaborativas e *cohousing*, onde a segurança, o bem estar e o convívio social são valores intrínsecos.

## CAPÍTULO 6

### UM LUGAR PRA CHAMAR DE MEU

#### 6.1 “ISSO AQUI É UM PEDAÇO DO CÉU!”

Dos 42 idosos residentes no condomínio no início das coletas de dados, 5 deles dividiram um pouco da sua história comigo. Destes, 2 homens e 3 mulheres.

Dona Ilsi, mulher de 83 anos, foi a primeira moradora do Condomínio. Reside no local desde sua inauguração, há quase 7 anos. É pensionista, mãe de dois filhos, e demonstra o orgulho em fazer parte da história do Cidade Madura.

Dona Amélia, 61 anos, é funcionária pública do estado da Paraíba. Mãe de 3 filhos, mora no Cidade Madura há quase 6 anos. Visitava a mãe, que havia sido contemplada com uma casa no conjunto habitacional, quando conheceu o vizinho Alarico. Amélia e Alarico apaixonaram-se e ela então passou a viver com Alarico no condomínio. Os dois tiveram um relacionamento de cerca de 6 anos, até que Alarico veio a óbito. Amélia pôde permanecer vivendo no residencial.

Dona Andreia, tem 68 anos. É aposentada, e mora no condomínio a aproximadamente 6 anos com o marido, também aposentado. Os dois eram funcionários em uma escola, no estado de São Paulo. Ambos voltaram para a Paraíba, para ficar perto dos familiares de Andreia. A família do marido de Andreia, vive no estado do Ceará.

Seu Rogerio, tem 68 anos. É divorciado, pai de 4 filhas. Uma delas mora na cidade de João Pessoa – PB, as outras vivem em Alagoas. Rogerio mora no condomínio desde novembro de 2020, e refere que seu maior desejo agora é conhecer uma companheira para viver com ele na nova residência.

Seu Gustavo, 68 anos, é divorciado e sem filhos. Artista plástico por vocação e formação, é beneficiário do Benefício de Prestação Continuada (BPC). Reside no Cidade Madura a pouco mais de 10 meses. Refere faltar apenas o trabalho de conclusão de curso para diplomar-se professor.

Essas histórias, e outras mais, se cruzam diariamente no Cidade Madura. Histórias que se encontraram na maturidade, cada um com uma “bagagem” única. São experiências que se somam ou se comparam, mas que juntas constroem o primeiro condomínio colaborativo destinado especificamente para idosos no Brasil.

Com o objetivo de compreender as percepções sobre o modelo de moradia colaborativo a partir dos seus residentes e apresentar as mudanças de vida que este modelo de

habitação pode proporcionar às pessoas idosas residentes, discuto alguns aspectos importantes que surgiram nas entrevistas. As respostas foram categorizadas em: primeiros contatos com o condomínio, história de vida, sentimentos em relação a moradia, mudanças percebidas, atividades e relações que desenvolveram, moradias colaborativas e local preferido no condomínio.

Os primeiros questionamentos, foram direcionados para os primeiros contatos com o condomínio. Ao serem perguntados sobre como conheceram o Cidade Madura e sobre o interesse em um lugar destinado para idosos, surgiram as narrativas abaixo:

“Conheci na Universidade. Estava fazendo uma palestra sobre arte, e conheci uma pessoa que estava morando no Cidade Madura, e eu achei esquisito! Perguntei “o que é Cidade Madura”? Aí ele me deu as informações e eu procurei saber de perto. (...) Na época, fui na secretaria e depois de um tempo me ligaram avisando que fui contemplado!” (informação verbal)<sup>20</sup>

“A minha mãe havia sido sorteada aqui, no início do condomínio. Ela havia feito a proposta de eu vir conhecer o condomínio, pra saber onde ela morava e ver como era bonito e organizado (...). No dia que vim conhecer o condomínio, minha mãe me apresentou a essa pessoa, um senhor de idade, que na época tinha uns 68 anos de idade, e na hora que fomos apresentados, eu me apaixonei por ele e ele por mim. Na realidade foi isso! No segundo dia ele me fez a proposta de ser companheira dele pro resto da vida (...)!” (informação verbal)<sup>21</sup>

“Eu passava aqui pra ir no meu sobrinho, e tava em construção ainda. Aí eu dizia, acho que ainda vou morar aqui! Eles diziam, vai nada! E eu disse, vou sim! Aí a gente se inscreveu e graças a Deus, fui sorteada! E tô aqui muito feliz!” (informação verbal)<sup>22</sup>

“Foi uma coincidência muito merecedora, daquilo que conquistei ao longo da minha vida! Sempre fiz boas amizades, fui sincero e honesto, então... Minha ex mulher foi quem me inscreveu aqui. Eu não tinha residência, “nós era” separado, divorciado. Ela me inscreveu e fui sorteado!(...) Tô muito feliz e muito satisfeito! Sou muito grato a Deus e a minha ex mulher!” (informação verbal)<sup>23</sup>

“Como eu fui a primeira, não sabia que era pra idosos, fiquei sabendo no dia da chave. Eu já estava inscrita esperando uma casa! Me ligaram no dia, dizendo que eu tinha sido sorteada. Vim receber a chave e tinha um palco aqui, recebi minha chave da mão do governador. Depois de três dias, começou a chegar um bocado de pessoas.” (informação verbal)<sup>24</sup>

As narrativas trazem pontos diversos que culminaram na chegada ao Cidade Madura, mas todos estavam em busca de um “cantinho” para chamar de seu. Alguns chegaram ali apenas pelo acaso. Outros pelo amor. Outros pelo rompimento de um amor. Mas todos os caminhos apontaram na mesma direção.

20 Fala do residente Seu Gustavo, durante entrevista, João Pessoa, 23 de abril de 2021.

21 Fala da residente Dona Amélia, durante entrevista, João Pessoa, 09 de abril de 2021.

22 Fala da residente Dona Andreia, durante entrevista, João Pessoa, 09 de abril de 2021.

23 Fala do residente Seu Rogerio, durante entrevista, João Pessoa, 23 de abril de 2021.

24 Fala da residente Dona Ilsi, durante entrevista, João Pessoa, 09 de abril de 2021.

Mas, em quais circunstâncias viviam esses idosos? Os questionamentos que seguiram, tratavam sobre a história pregressa desses idosos, até o momento de ter em mãos, a chave da sua casa:

“Antes de morar aqui, eu morava em casa alugada com meus filhos. A menina do meio e o mais novo, e uma neta. Conversei com meus filhos e falei que continuaria ajudando eles, pagando minha parte do aluguel e indo aos sábados fazer a minha parte de limpeza (...)” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Eu morava com meu marido de aluguel. Ainda moro com ele. Ainda é o mesmo (risos).” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Eu morava com minha filha mais velha, aqui em João Pessoa. Agora moro aqui, graças a Deus e ainda tenho meu carrinho véio, que o pessoal mais empurra do que anda (risos), mas dá pra gente andar aqui, viu!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Eu já morei com marido, daí viuvei. Eu e minha filha discutíamos muito, ela não fala mais comigo, só falo com o filho. E por último, estava dividindo apartamento com amigos.” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Eu morava assim, de favor, né? Mas eu contribuía com as despesas. Eu morava com um conhecido meu. Eu ajudava na água e na luz, pra tentar compensar o não pagamento de aluguel.” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

Na maioria das narrativas, encontramos o mais comum, já comentado no capítulo anterior: Os idosos que foram viver com os filhos na velhice. Destaco o relato de Dona Andreia, que mesmo após a saída da casa dos filhos, sentiu-se na obrigação de continuar auxiliando financeiramente e, principalmente, realizando o trabalho doméstico de uma casa que não habita mais, indo ao encontro do que foi afirmado nos determinantes sociais de gênero, ainda sendo as tarefas domésticas um desígnio fortemente direcionado ao feminino, e nesse caso, à matriarca. Outro destaque seria para a narrativa do Senhor Gustavo, que não tem familiares próximos, não possuía renda fixa ou emprego formal (conseguiu o BPC após os encaminhamentos das Assistentes Sociais no condomínio), e “vivia de favor”. Outro caso fortemente sinalizado pelos marcadores sociais, principalmente na questão da posição social, reforçada pela baixa renda e ainda pela insuficiência familiar.

Seguindo com a entrevista, os idosos residentes foram questionados sobre como se sentem morando no Cidade Madura:

“Eu me sinto bem aqui. Aqui eu não vivo apertada financeiramente (...). Eu me dou bem com todas as pessoas. Gosto de todo mundo aqui! (...)é um lugar bom de se morar, viu! A gente tem as palestras, o ambiente é festivo, bom de se conviver! Se alguém reclama, é problema da pessoa! Se eu tivesse que falar pra qualquer pessoa, eu digo que é um lugar bom de se conviver! (...)coisa boa é viver em paz, na casinha da gente! Aqui é um ambiente de pessoas idosas, é um lugar tranquilo de se viver!

Quem faz o lugar são as pessoas!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Aqui é muito bom, é amplo, e arejado, muito bom de morar! Tem flores, tem jardim, tem tudo de bom que a senhora imagina! É tudo de bom aqui!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Aqui é nota dez! Até agora, só tenho elogio! Se fosse “fuleragem”, eu diria viu! Mas é nota dez! Eu me sinto muito bem!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Aqui é ótimo! Tenho segurança, privacidade, e é muito calmo! A gente fica em contato com a natureza, as pessoas são amigas, e o importante é que cada um tem seu cantinho! Aqui é um pedacinho do céu, né! Eu nunca morri, mas imagino que no céu seja parecido! A gente tem contato com as nuvens, com a natureza e com esse Deus que a gente só imagina como seja! Isso aqui é um pedaço do céu mesmo, um paraíso!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

Os relatos trouxeram boas referências do condomínio e percebe-se em como afeta os sentimentos de cada idoso de forma distinta. O bem-estar do morador apareceu durante as entrevistas de várias formas, sendo que alguns idosos atribuíram os bons sentimentos à estrutura oferecida, outros às formas de convivência a ainda houve àqueles que se apegaram ao fato de ter um espaço seu.

Em relação às principais mudanças percebidas, os idosos informam:

Hoje eu vivo mais tranquila morando aqui! (..) Depois que vim morar aqui, ficou melhor pra mim, que tive mais paz e mais tranquilidade, e meus filhos aprenderam a viver sem mim (...) eles tiveram que ir lutar pela independência financeira e não dependem mais de mim(...). Enquanto mamãe tava do lado, eles ainda querem ser criança! Jesus trouxe mamãe pra cá pra ela ter sossego! (...) hoje durmo na hora que quero, acordo na hora que quero, faço meus trabalhos tranquila, e tenho comunhão com todas as pessoas daqui! Minha vida mudou muito, graças a Deus! Eu diria que foi um presente de Deus! Aqui eu adquiri paz e tranquilidade que eu não tinha lá fora, entendeu?” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

Mudou muita coisa, mudou tudo pra melhor! Eu saí do aluguel! Aqui é muito sossegado! Eu não pago mais aquele aluguel abusivo! Graças a Deus eu estou aqui no Cidade Madura! Se eu tivesse pagando aluguel, eu não sei nem o que estaria acontecendo comigo. Sem trabalhar, e sem ganhar nada! (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“O que mudou foi o sossego, a tranquilidade, a felicidade... Repara em quanta coisa boa mudou! Então hoje me sinto um homem rico! Rico de bem-estar, rico de vizinho. Dizem que todo homem véio é doente, mas eu não sou, eu sou um homem novo, viu! Um “veio-menino” pronto pras atividades! Hoje ate minha pressão é 12/8. Não sou mais pré-diabético. Tudo me estabilizou de uma forma linda! É por isso que eu digo, hoje eu não tenho perturbação! Tô feliz, tô bem e com a saúde tranquila! Aqui é maravilhoso! O que eu quero mais, me diga? Só viver!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“A mudança que houve, principal, foi eu ficar mais preservado! Hoje a minha privacidade, se antes era boa, agora ficou melhor! Isso aí me deu uma vida nova!” (informação verbal) **Erro! Indicador não definido.**

Os relatos demonstram que o condomínio e tudo que dele faz parte, tem potencial de amenizar muitas preocupações, o que acaba incentivando e proporcionando que o idoso possa se concentrar em outras atividades de seu interesse e no convívio com os demais. Sobre as atividades, e as relações que desenvolveram estando no Cidade Madura, os moradores relataram:

“Eu agora ocupo meu dia trabalhando e depois eu gosto de cuidar da minha casinha. Cada um e responsável pelo seu espaço e pela sua moradia. Eu vou tirando os matos que vão nascendo dentro da grama, tiro os que nascem no beco, no quintal... Procuro manter minha casa sempre limpa e se for necessário eu até limpo a casa vizinha quando tá desocupada. Eu faço esse tipo de limpeza! Gosto de limpar até o condomínio. Se tá sujo a gente vai limpando! Gosto de lugar organizado e limpo pois faz bem à saúde! Aí eu ocupo meu dia desse jeito! Às vezes almoço ou janto no filho que mora aqui próximo. E vivo meus dias assim, trabalhando e limpando por que eu acho muito fundamental! Me dou bem com meus vizinhos, meus filhos, graças a Deus! Não tenho inimizade com ninguém!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Eu gosto de cuidar da minha casa, dos meus compromissos. Saio pra resolver uns problemas. Trabalhar eu não trabalho mais, mas faço atividade de dona de casa, né! E tô muito feliz por isso! (...) a relação com os vizinhos é muito boa, né? Cada um vive na sua casa, a gente passa por eles e se fala, muito bom! (...) Tenho bastante parente aqui em João Pessoa, sou muito bem recebida também! Nós somos muito família! (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“De manhã eu verifico pressão, a diabete, faço uma musculaturazinha, pra manter as energias do físico né, pras atividade do dia a dia. Depois faço meu almoço! Vou até entrar naquele programa de chef de cozinha da TV, a senhora vai ver uma hora! Daí deito, que tem os horários que os vizinhos precisam de silêncio e descansar. Eu fico só pensando no que é bom! Que Jesus me dê muita saúde, e saúde pra mente! E sabendo que tem segurança né! Aqui só tem segurança assim em dois lugares: No Cidade Madura e na casa do Governador! (risos)” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“As vezes eu faço artesanato, desenho, faço algumas peças de madeira pros vizinhos que pedem. Faço proteção de muriçoca pra eles! Aí me ocupo com pequenos trabalhos aqui né, de jardinagem, fico aguando as plantinhas. No mais, é lendo, com as pernas pra cima (risos). E e só! (...) tenho um bom relacionamento com os vizinhos, agora com o distanciamento social a gente conversa um dentro de casa e o outro no jardim! Eles também usam máscara. A gente ficou com medo de contaminar o outro. Mas normalmente, a gente conversa bastante.” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

As mudanças nas atividades de vida diária relatadas foram muitas, além de indicar um intrínseco aumento na autoconfiança dos idosos. Eles são envolvidos em afazeres do condomínio, na medida em que podem, e além dos cuidados com a casa e com os espaços físicos compartilhados, percebe-se nos relatos o afloramento do sentido de comunidade, da preocupação com o outro e da colaboração de todos para que o condomínio seja um espaço agradável, tranquilo para todos e ainda um possível promotor de saúde e de autocuidado.



Cientes de que sua situação atual é privilegiada, conforme os relatos, perguntei aos moradores se eles achavam que esse tipo de moradia colaborativa seria uma boa opção para idosos nos demais estados brasileiros, se eles fariam alguma mudança no local e os mesmos opinaram:

“Com certeza, seria muito bom ter esse condomínio em outros estados! Agora, tem uma coisa que eu vou falar pra você, e espero que sirva pra ajudar os outros condomínios... tem que ter alguém sempre pra realizar a limpeza pesada. Falo por mim, por que a gente vive perto de uma mata aqui, e tem uma pessoa só pra limpar os espaços maiores. Se não o mato sobe mais rápido do que a gente pode acompanhar. (...) mas o resto, a estrutura de modo geral, as equipes, todo mundo trabalha direitinho. Só tem que melhorar essa parceria da Cehap! Mas é claro que é fundamental que as outras cidades tenham um condomínio desses! É um padrão de vida diferente pras pessoas que são idosas. Geralmente, começa dentro de casa, as famílias não tratam bem, é meio escanteado, tudo que faz aborrece as pessoas... e aqui não! Cada um tem sua vida, se comunica com os outros, quando se sente só junta a turminha de noite pra bater papo na calçada. A gente nunca se sente só, e as vezes a gente tá dentro de uma família e sente só!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Com certeza! Eu acho que pode fazer do mesmo modelo, pode fazer parecido, com tanto que fizesse! Pra favorecer os idosos aí! Pelo menos as pessoas carentes teriam mais moradia, né? Os outros estados deveriam seguir também! (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Eu acho que todos nós que moramos aqui, estamos satisfeitos e orgulhosos! O governo fez uma coisa muito bacana pra gente! E se Deus quiser, vão instalar um residencial desse aqui em outros lugares!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Claro que sim! A ideia tá se espalhando na Paraíba! (...) então do jeito que o povo paraibano tá sendo beneficiado assim, socialmente, as pessoas de outras federações, podem tanto fazer valer a mesma ideia ou procurar fazer um melhoramento, pode as casinha ser separada, que aqui duas casas conjugada, podia ter uma distancia pra não ouvir a conversa do outro.” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

Mesmo com melhorias, é unânime entre os entrevistados, que a ideia deve ser aproveitada e reproduzida em outros estados e cidades do país. Os idosos acreditam que os benefícios que hoje eles tem acesso, não devem ser ofertados a um número tão restrito de pessoas. No condomínio o idoso tem o seu espaço para elaborar seu envelhecimento dentro da sua individualidade, e ao mesmo tempo, compartilha essa fase com pessoas que se encontram na mesma faixa etária.

Outro questionamento da entrevista foi sobre o local preferido no condomínio para que pudessem falar sobre seus gostos e o que lhes traz bem-estar relacionado a moradia:

“O local que mais gosto de ficar aqui no condomínio é no terraço da minha casa (...). Eu gosto de sentar aqui, por que é bem ventilado, aqui eu me sento na cadeirinha de balanço e fico conversando com minhas amigas (...). Aqui eu falo com todo mundo.

Mas eu gosto do condomínio no geral. Mas o local que eu mais fico é no terraço da minha casinha! Isso alegra meu coração” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Eu gosto de ficar na minha casinha, ou ali no jardim, perto da portaria, conversando com os vizinhos.” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“O lugar que eu gosto mais é da minha casa! Me sinto uma pessoa muito realizada aqui!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“O lugar que mais gosto, é de estar deitado ou sentado na rede, e vendo essa coisa verde e maravilhosa e linda! Isso me faz cada dia mais alegre!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

“Eu gosto de sentar na calçada na hora que tá fazendo sol, bem cedinho! Eu fico contemplando tudo que eu tenho direito (risos)! Eu acho muito bom! Contemplando o céu, as flores, a natureza, e de uma forma geral, gosto de ficar deitado na rede, na sala. Acho muito bom ficar dentro de casa também!” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

Considerando a estrutura oferecida, todos chegam ao ponto comum de que o bem mais estimado é a conquista da casa. A valorização do espaço individual está explícita em todas as narrativas, e é compreensível, pensando que nenhum dos entrevistados possuía casa própria ou tinha a possibilidade de pagar um aluguel sozinho, antes do Cidade Madura.

Entender que a arquitetura pode tratar a questão do envelhecimento como uma oportunidade de promover uma experiência positiva aos indivíduos, como nesse caso, utilizando-se de fatores ambientes que auxiliem na convivência dos idosos, nas adaptações necessárias e até com a participação de agentes externos, oferecendo a chance dele desenvolver sua autonomia, controlando, lidando e tomando decisões pessoais sobre como deve viver diariamente, de acordo com suas próprias regras e preferências. Mesmo com o vasto espaço do condomínio, aquele espacinho que pode ser considerado só seu, foi o mais estimado. Ali protegem-se as experiências, guarda-se o que carrega significados de uma vida, e zela por uma intimidade muitas vezes violada.

Ao pensar na moradia colaborativa como uma promotora de saúde e maior longevidade, no caso do público idoso, não se pode pensar apenas em oferecer serviços médicos ou na prevenção de doenças físicas, mas é preciso considerar o aspecto humano da pessoa que, mesmo madura aos olhos da sociedade, ainda participa ativamente dela. A unidade habitacional dentro da *cohousing* uniu o espírito colaborativo da comunidade com o resguardo da vida particular.

## 6.2 BUSCANDO A INSPIRAÇÃO

Mesmo o Rio Grande do Sul sendo o estado com maior proporção de pessoas idosas do Brasil, segundo o IBGE (2013), não existe nenhum tipo de iniciativa do tipo, visando as pessoas idosas de baixa renda. Em 2018, uma idosa e um empresário da cidade de Santa Maria – RS, inspirados pelo Cidade Madura, demonstraram o interesse em implementar um desses residenciais na cidade sem fins lucrativos e destinado apenas para pessoas idosas de baixa renda.

Para entender um pouco mais sobre a inspiração do projeto, entrevistei X agentes participantes. Dona Elisa, uma senhora de 79 anos, ensino fundamental completo, casada, mãe orgulhosa de 4 filhos, avó de 6 netos e bisavó de 2 bisnetos. Dona Elisa é a própria representação do envelhecimento ativo. Aposentada, participa ativamente de atividades referente ao envelhecimento, em seu grupo de idosos no SESC, nos programas oferecidos pela Universidade, grupos de mães, de orações, domingueiras, dentre outras iniciativas. É atuante e participativa no Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade – NIEATI da UFSM desde a sua criação no ano de 1984.

Dona Elisa conta na entrevista que presenciou uma situação de abuso patrimonial e financeira<sup>25</sup>, onde um casal de idosos que ela conhecia, teve seus bens retirados pelos familiares e foram institucionalizados. Ela lamenta, pois o casal foi separado no processo de institucionalização, mesmo após uma vida juntos, cada um foi encaminhado para uma instituição. Ela diz que esse foi um dos motivos que mais a impulsionaram a buscar ajuda para novas opções de moradia para o idoso.

Ela estava morando em João Pessoa, por um breve tempo, quando conheceu um casal de idosos que residia no Cidade Madura. Logo, por motivos familiares, precisou voltar a Santa Maria, mas trouxe junto um folheto sobre o condomínio na bagagem. Ao chegar em Santa Maria, começou a pensar sobre como poderia fazer a ideia acontecer. Resolveu levar o folheto e a cabeça cheia de ideias, a três locais:

---

25 O Estatuto do Idoso (Lei No 10.741, DE 1º de outubro de 2003) em seu Artigo 102, criminaliza a apropriação ou desvio de bens, proventos, pensão ou qualquer outro rendimento do idoso, dando-lhes aplicação diversa da de sua finalidade, sendo a pena de reclusão de 1 (um) a 4 (quatro) anos e multa.

O canal governamental de denúncias, o Disque 100, no balanço divulgado em 2019, mostrou que quase 25% das denúncias realizadas no âmbito da violência contra a pessoa idosa, eram referentes a algum tipo de violência financeira. No início de 2020, o isolamento social já indicava a piora nesses dados, sendo que em Março, foram registradas 3 mil denúncias, em Abril os números subiram para 8 mil e em Maio saltaram para as 17 mil denúncias.

Ver mais em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2020/06/aumenta-numero-de-denuncias-de-violacao-aos-direitos-de-idosos-durante-pandemia>

“Eu precisava dos professores, pra me orientar e formular melhor a proposta. E resolvi buscar alguém na política e sabia que precisava alguém da construção.” (informação verbal)<sup>26</sup>

Com a proposta em mãos, explicando e debatendo o conceito da moradia colaborativa destinada ao idoso, a senhora que na época estava com 77 anos, se dirigiu à Câmara de Vereadores da cidade. Elisa conseguiu ser recebida por uma vereadora que viu com bons olhos a ideia, porém, não era algo que no momento tivesse a possibilidade de ser executado através da iniciativa pública. Em todo caso, ela indicou o nome de um construtor que aceitaria ouvir sobre o assunto. A inquieta Elisa, o procurou na mesma semana.

“Eu liguei direto no celular pessoal dele, ela me deu né? Fui no escritório dele, aí a gente conversou e ele disse que ia fazer! Montou um projeto e no início seriam 7 casas que ele ia fazer, né... Um dia eu encontrei ele de bicicleta na rua, parei ele e disse: Olha, 7 é muito pouco, vamos fazer uma em cima da outra então, mas vamos fazer logo! Ele ficou receoso por que é pra gente de idade, daí eu falei pra ele que eu tenho 77 anos, e subo e desço escada, e eu não sou a única, e eu tenho vontade de fazer isso. Coloca a gente num asilo pra ver se não perde a vontade! Por que que gente não pode ter outra opção?” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

No dia 20 de agosto de 2018, após essas articulações, a Câmara de Vereadores da Cidade de Santa Maria abriu suas portas para 83 idosos, todos estavam organizados e uniformizados, representando seus grupos de convivência, faltaram lugares para sentar, mas eles não se importavam. Idosos de 60 até 92 anos estavam lá para ouvir, apoiar e opinar na proposta. O construtor, juntamente a sua equipe de arquitetos e engenheiros, apresentou aos idosos seu projeto, baseado na ideia de Dona Elisa que havia sido inspirada só no que ouviu sobre aquele lugar chamado “Cidade Madura” e enriquecida pelos conhecimentos dos professores coordenadores do NIEATI. No projeto havia 18 unidades habitacionais, de ambientes térreos, em um local com uma pequena praça com pomares, redários, bancos e espaços para atividades físicas, uma capela e uma enfermaria. A planta baixa da unidade habitacional incluía ambientes acessíveis, banheiros com piso antiderrapantes e aquecidos, botões de pânico no quarto e no banheiro, placas de energia solar e reaproveitamento da água da chuva para horta e jardim.

Nem eu sabia ainda, mas naquele dia, presenciava o surgimento de uma *cohousing*. Além dos idosos, estavam presentes na audiência, professores do NIEATI, membros da construtora, membros da Câmara de Vereadores e eu também estava presente, tendo em vista que naquele momento fazia parte do NIEATI.

---

26 Fala da participante Dona Elisa, durante entrevista, Santa Maria, 19 de dezembro de 2020

Os idosos puderam opinar no projeto, participaram das decisões sobre o terreno, sobre a disposição das unidades habitacionais, questionaram a vereadora sobre os serviços públicos que poderiam ser garantidos, como a circulação de uma linha de ônibus específica, questionaram os professores sobre parcerias que poderiam surgir, para que eles pudessem contar com oficinas dos estudantes da Universidade, e foram eles mesmos, desenhando a opção que tanto procuravam. Ao fim da reunião, enquanto passávamos a lista das pessoas que se interessariam em viver em uma moradia colaborativa, assinada por 73 dos 83 idosos presentes, já iniciava-se a discussão de como seriam selecionados os beneficiários (sugeriram beneficiários da Tarifa Social de energia, mesmo que apenas um idoso ali presente poderia ser contemplado), como funcionaria o condomínio (ideias sobre como saberiam que o vizinho estava bem como, por exemplo, abrindo uma das janelas até às onze horas da manhã, senão os demais tinha que sair para averiguar), dentre outras discussões acaloradas.

Para os fins dessa pesquisa, com objetivo de conhecer as aspirações e interesses de idosos em morarem numa *cohousing*, foram entrevistados 9 pessoas entre 67 e 81 anos, sendo 8 mulheres e 1 homem, da cidade de Santa Maria. Todos os relatos, demonstraram um grande desejo da ideia dar certo, para atender pessoas idosas em situação de vulnerabilidade ou que não tenham familiares próximos. A preocupação com o bem estar do idoso, apareceu em alguns dos relatos, como o de Rosane, que tem 71 anos, professora aposentada que atualmente vive sozinha.

“Eu acho que o condomínio vai ser muito bom! A pessoa vai poder contar com os vizinhos ali perto, gostei muito do botão do pânico, a gente nunca sabe quando alguma coisa pode acontecer, e se o vizinho some os outros logo darão falta e vão ajudar. (...) ali o idoso não vai ficar esperando para morrer, pode fazer alguma coisa com os vizinhos, pode se exercitar, fazer parcerias com a universidade para ter oficinas. É investir na pessoa, né? Com certeza, que for beneficiado, vai viver muito mais e melhor! (...) Gostaria que o Brasil todo tivesse lugares assim!”. (informação verbal)<sup>27</sup>

Rosane expõe em seu relato preocupações pertinentes ao envelhecimento, especialmente do idoso que vive sozinho, como ter alguém para prestar socorro e formas de ocupar o tempo de forma útil, sendo uma aspiração que pode ser realizada, quando refletimos sobre os relatos de quem já vive em uma moradia colaborativa.

Seu Luiz Raimundo, tem 68 anos e vive com a esposa, dona Janete de 73 anos. Ambos são aposentados e tem casa própria, mas participam ativamente das conversas sobre o

---

27 Fala de Rosane, durante entrevista, Santa Maria, 22 de julho de 2021.

condomínio. Loana tem 81 anos, é servidora pública aposentada e vive com a filha e o genro a pouco mais de um ano.

“A gente viu a apresentação das casinhas, e já queria ir morar lá também! Aqui a gente fica tão distante dos amigos, tem que ficar se falando pelo celular. Se fosse viver lá, eu ia ficar mais tempo fora de casa do que dentro (risos)!” (informação verbal)<sup>28</sup>

“Eu amei o condomínio dos idosos! Eu que agora estou com a perna machucada, nem saio de casa, porque minha rua nem tem condições pra eu caminhar. Se morasse em um lugar pensado pro idoso, sei que seria bem diferente. Talvez eu nem tivesse caído! (...) as pessoas escolhidas vão viver muito bem, espero que aproveitem, porque eu gostaria que todos pudessem viver em um desses! (...) parece que vai ser um local seguro para os velhos!” (informação verbal)<sup>29</sup>

Janete

“Eu moraria lá, com certeza! Uma casa segura, perto de quem tem preocupações parecidas com as minhas, que entendem o que é ser velho nessa sociedade... me emociono só de imaginar! Eu já estou bastante velha, mas espero que muitas pessoas tenham essa oportunidade!” (informação verbal)<sup>30</sup>

A segurança aparece em vários relatos, e uma certa melancolia compartilhada por não poder ter a vivência em uma comunidade destinada aos idosos, mas já podemos perceber que os desejos destes idosos condizem com a realidade dos idosos residentes, e com as vantagens da vida em comunidade descritas por Scotthanson & Scotthanson (2005).

No dia da apresentação do empreendimento de Santa Maria, todos estavam ávidos pela mera possibilidade de viver no local, e lembro-me do momento em que eles decidiram que a primeira casa seria de Dona Elisa e ela respondeu que não queria uma casa ali. Só queria deixar algo para depois que ela partisse, que ajudasse os idosos a não serem tratados como doentes, pois se ela fosse tratada assim, enlouqueceria. Ela encarou como uma missão, fazer o condomínio acontecer, com a iniciativa e o aporte financeiro do construtor, as garantias fundamentais do serviço público, e a parceria do NIEATI para manter os futuros residentes ativos. Dona Elisa não conhece a literatura sobre o assunto, não sabia o que eram moradias colaborativas ou *cohousing*, mas sabia que em algum lugar aquilo estava dando certo e por que não poderia funcionar aqui também?

Fui ao encontro do outro idealizador em Santa Maria, o construtor que acolheu a ideia de Dona Elisa, buscando entender sua motivação e aspirações em relação à moradia colaborativa para a pessoa idosa. Wagner tem 43 anos, é Diretor Executivo de uma construtora

---

28 Fala de Raimundo, durante entrevista, Santa Maria, 15 de julho de 2021.

29 Fala de Janete, durante entrevista, Santa Maria, 15 de julho de 2021.

30 Fala de Loana, durante entrevista, Santa Maria, 21 de julho de 2021.

na cidade de Santa Maria – RS e recebeu a proposta com vistas ao desenvolvimento do condomínio na forma de projeto social da construtora.

“Conheci a proposta através da Senhora Elisa. Para mim é uma questão mais de ordem social. Tenho a preocupação que esses velhos tenham uma qualidade de vida boa, no final da sua vida. E a Dona Elisa falou muito da importância da qualidade de vida, mas com liberdade. (...) vemos muitos filhos que só querem mandar nos pais, e esses idosos não tem por que ficar a mercê dessa situação. Eles já criaram seus filhos e viveram para os filhos uma grande parte da vida, agora eles querem viver para eles, com os amigos deles, nas rotinas deles, e isso que me sensibilizou ao ouvir eles. Eles querem uma velhice alegre e livre.” (informação verbal)<sup>31</sup>

Vagner explica que o condomínio terá 18 casas e visa pessoas idosas com baixa receita financeira, que pagarão uma taxa apenas para manutenção da enfermaria e da portaria, sendo autossuficiente, sem dar despesas para a construtora e nem lucros. Refere ainda, que mesmo o condomínio sendo pequeno, o principal objetivo é servir como uma espécie de vitrine, para que o poder público veja que a ideia é boa, tem bons resultados e não é de difícil aplicação.

“Muito da saúde da pessoa é ditada pelo seu percurso de vida. Se a pessoa é feliz, recebe carinho... Às vezes o idoso não recebe carinho dos familiares, mas ali no condomínio eles terão o carinho dos amigos e vizinhos. Eu busco a valorização dessas pessoas, elas tem uma bagagem de vida, elas querem ser úteis, ativas na sociedade, mas pra isso o mental tem que estar bom. E eu acho que o condomínio pode ajudar nessa parte.” (informação verbal)**Erro! Indicador não definido.**

Até o momento da conclusão desta pesquisa, a construção do condomínio manteve-se adiada pelo contexto pandêmico. Os idosos continuam a conversar sobre o assunto em seus grupos, de maneira online. Os relatos revelam que o ponto em comum de quem vive no local, de quem gostaria de viver, e de quem pretende dar continuidade à ideia, é a busca pela qualidade de vida durante a velhice. Neste mesmo intento, pessoas de diferentes estados buscaram a inspiração no modelo de *cohousing*.

Em Abril de 2018, uma equipe técnica da Companhia de Habitação do Paraná (Cohapar) e da Prefeitura de Jaguariaíva, município paranaense que foi contemplado com a construção de um condomínio, esteve conhecendo as instalações do Condomínio Cidade Madura de João Pessoa, na busca de inspiração e posterior inserção destes modelos de moradias colaborativas em seu estado. No primeiro dia de outubro de 2020, marcado pelo Dia do Idoso, foram entregues às chaves aos primeiros moradores do empreendimento, que conta com 40 unidades habitacionais e com investimento de R\$ 3,8 milhões do Programa Viver Mais Paraná<sup>32</sup>. Os moradores contam com uma estrutura completa, aos moldes do Cidade

31 Fala de Vagner, durante entrevista, Santa Maria, 12 de janeiro de 2021.

32 Sobre o Programa Viver Mais Paraná: <https://www.cohapar.pr.gov.br/Viver-Mais>

Madura, e contribuem com 15% do salário mínimo, na forma de aluguel social, que será revertido para o segmento do programa.

A cidade de Foz do Iguaçu já conta com um condomínio em fases avançadas de construção, e por meio da Cohapar, o governo estadual também já assinou contratos para empreendimentos em Cornélio Procópio, Irati, Prudentópolis e Telêmaco Borba. Também estão sendo elaborados projetos para Araongas, Cascavel, Campo Mourão, Cianorte, Dois Vizinhos, Fazenda Rio Grande, Francisco Beltrão, Guarapuava, Londrina, Maringá, Palmas, Pato Branco, Piraquara, Ponta Grossa e Sarandi. Todas estas ações totalizam 840 moradias e cerca de R\$ 80 milhões de investimentos diretos do Governo do Paraná, incentivando a valorização da pessoa idosa pelas políticas públicas. Os idosos permanecem nas casas por tempo indeterminado (até o óbito ou atingir algum grau de dependência), posteriormente outro morador ocupará a residência, e nos faz pensar em quantas velhices terão seus destinos transformados por uma política de valorização de algo tão básico quanto a moradia, e o sentimento bom que sentimos ao perceber que mais estados estão investindo na visibilidade da pessoa idosa e na garantia de seus direitos.

No estado de São Paulo, de iniciativa privada, a Vila ConViver vem sendo realizada por um grupo de professores aposentados da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que, desde 2013, trabalham em sua implementação. Diretrizes jurídicas e códigos de ética já foram desenvolvidos e aprovados pelo conjunto, que conta com 54 pessoas. A intenção era poder residir no residencial a partir do ano de 2021, porém, o contexto pandêmico adiou o sonho dos futuros residentes<sup>33</sup>. O condomínio se baseia nos mesmos princípios de McCamant & Durrett (2009) e como o site da Vila descreve, seus (futuros)residentes estão na busca das vantagens listadas por Scotthanson & Scotthanson (2005).

Apesar de ainda avançarmos a passos lentos no conceito de moradias colaborativas pensadas como uma solução para ofertar uma melhor qualidade de vida da pessoa idosa, é positivo que a ideia venha ocupando um maior espaço no país, e recebendo investimentos públicos e/ou privados.

Ter a pessoa idosa como protagonista do próprio modo de envelhecer têm demonstrado pontos positivos, seja pelo respeito a privacidade e ao mesmo tempo possibilitando uma valorização da vida em comunidade, e de outros aspectos como uma forma de reduzir preocupações, como a estabilidade financeira. A maioria dos idosos não possuíam casas próprias e agora podem investir o valor do aluguel em si, ocorrendo a inibição

---

33 Sobre a Vila ConViver, ver mais em: <http://www.vilaconviver.org.br/vila/>



do medo de passar por alguma adversidade sozinho, já que contam com os vizinhos e com os núcleos de saúde do próprio condomínio, e o reforço da autoestima, por decidir sobre o próprio destino, dinheiro, tempo, dentre outros contextos.

Que boas ideias sejam mais aproveitadas em nosso país, que a cada dia se torna mais envelhecido, pois investir na qualidade de vida da pessoa idosa, é aplicar em nosso futuro. Como Miriam Goldenberg bem lembra no documentário *Envelhescência (2015)*<sup>34</sup>, idoso é a única designação que todos nós recebemos, sejamos homens ou mulheres, independente de orientação sexual, classe social ou raça, todos seremos velhos algum dia, pensar no idoso é pensar em nós. E quando se pesquisa *cohousing*, torna-se mais popular ainda o conceito de que a estrutura física das casas não é o mais importante, mas sim, as conexões humanas que lá acontecem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento populacional é uma realidade cada vez mais presente em nosso cotidiano. O modelo biomédico de estudos do envelhecimento, divide o espaço com o envelhecimento que vai além do biológico, aquele que envolve a sociedade, a família, as políticas, a mente. Durante a vida, o indivíduo se depara com fatores que independem de seus desejos, os denominados determinantes sociais, que podem direcionar em como será seu envelhecimento, sua saúde e seu modo de vida. Muitos destes determinantes, acabam sendo uma barreira que cada pessoa precisa tentar transpor em busca de uma melhor qualidade de vida, pois quando esses fatores vão somando-se, mais difícil será o envelhecer.

Mesmo sendo tão vistos, os velhos continuam não muito lembrados, e inclusive com uma recente trajetória na conquista de direitos, ainda esbarramos em questões onde não há uma boa definição de responsabilidades frente a pessoa que envelhece. No momento em que corpo e mente já não são mais os mesmos, família, sociedade e poder público impelem entre si, quem será responsável pela pessoa idosa. Quando a pessoa idosa precisa de cuidados especializados, existem algumas opções, como cuidadores formais e instituições, porém o idoso independente acaba exposto a uma realidade em que não necessita vigilância diária e de um cuidador ao lado, mas também precisa do convívio, do contato, da socialização, respeitando sua privacidade.

---

34 <https://envelhescencia.com.br/> e documentário completo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s9SgLA74F4k>

Com o objetivo de compreender as percepções sobre o modelo de moradia para a longevidade denominado *cohousing* a partir dos seus (futuros)residentes, funcionários e idealizadores; e conhecer as aspirações de pessoas idosas com intenção de residir nesse tipo de local, levando em consideração o interesse em implantá-las em outras cidades do Brasil, tendo assim uma opção de habitação para o idoso independente., este estudo possibilitou conhecer algumas das mudanças de vida relatadas, assim como expôr os anseios de quem deseja desenvolver ou ser um futuro residente de *cohousing* para idosos. A partir do estudo sobre estas opções de moradia voltadas para a pessoa idosa, encontro um cenário desafiador, por se tratar de uma nova tipologia no Brasil, mas que mesmo distribuídos em poucas partes do território nacional, já demonstram os benefícios que podem trazer, principalmente se tratando de pessoas idosas de baixa renda, que muitas vezes, nunca tiveram um espaço para chamar de seu, mesmo pagando aluguel. Talvez, por esse motivo, que a privacidade tem grande importância para a pessoa idosa, ter o seu espaço, com os objetos e atividades que tem valor para ele e ao mesmo tempo em que o resgate da vida em comunidade proporciona benefícios relacionados à socialização, autoestima, segurança, entre outros.

Este estudo apresenta limitações, dentre elas, a dificuldade de adaptação para o ambiente virtual, considerando que alguns dos idosos não possuíam aparelhos telefônicos, e a falta de proximidade entre entrevistado e entrevistador, intrincando a observação de reações importantes do entrevistado. Ademais, as fragilidades são inerentes a qualquer pesquisa qualitativa, que por sua natureza não pretende a generalização dos seus resultados, pois trata-se de percepções/vivências singulares de cada participante.

Em virtude dos fatos mencionados, podemos concluir que as moradias colaborativas podem ser uma opção, mais do que conveniente, para os idosos que tem sua autonomia preservada, com independência e sem a necessidade de cuidados especializados nesta fase da vida, já que o idoso acaba sendo assistido de alguma forma, pelos vizinhos, familiares e funcionários dos núcleos de saúde e assistência social, e ainda mantém sua privacidade, liberdade, além de retomar o sentimento de comunidade e participação social na manutenção dos seus espaços.

O condomínio Cidade Madura, é uma política de vanguarda, que como revelado nos relatos de seus moradores e funcionários, proporciona uma nova realidade aos seus residentes, oferecendo em um período da vida, coisas que muitos deles não tiveram durante a vida toda. O condomínio pode ser denominado *cohousing*, por se tratar de uma moradia colaborativa que atende a maioria dos princípios descritos por McCamant & Durrett (2009) e, conforme relatos, os moradores contam com todas os benefícios citados por Scotthanson & Scotthanson (2005).

Foi possível compreender que as motivações para se implementar a ideia em outros locais, são semelhantes as percepções das pessoas idosas que já residem nesse modelo de moradia. Os idealizadores do projeto tomaram como base o Cidade Madura e suas próprias preocupações com o processo de envelhecimento, já os futuros residentes conseguiram pensar suas experiências atuais e vislumbrar um futuro com mais segurança, tranquilidade, saúde e respeito.

As políticas públicas afetam toda a sociedade, e quando eficientes, são capazes de suprir necessidades coletivas, identificando problemas, planejando e executando ações necessárias com aplicação correta de recursos. Políticas como o Cidade Madura, melhoram toda a perspectiva que podemos ter em relação ao envelhecimento, por dar visibilidade à pessoa idosa e transformar destinos, antes incertos, possibilitando uma melhor qualidade de vida ao mesmo tempo que concerne família e sociedade a participar da vida daquele idoso.

Investir em políticas públicas duradouras visando o envelhecimento é uma necessidade a algum tempo no Brasil, que precisa repensar o envelhecimento em todas as esferas. Os estudos em Gerontologia são de extrema importância para embasar essas políticas, pois suas contribuições colocam a pessoa idosa em evidência, levando em consideração todo o contexto de vida dos indivíduos idosos, repensando aspectos sociais, biológicos e psicológicos que culminam em uma melhor qualidade de vida de todos os idosos e também nossa, que queremos ser velhos algum dia.

## REFERÊNCIAS

AGHICH, George. **Dependência e autonomia na velhice**. Um modelo ético para o cuidado de longo prazo. São Paulo: Loyola., 2008; 5:237-304.

AIRES, Marinês. MOCELLIN, Duane. FENGLER, Fernanda Laís. ROSSET, Idiane. DOS SANTOS, Naiana Oliveira. MACHADO, Diani de Oliveira. DAY, Carolina Baltar. PASKULIN, Lisiane Manganelli Girardi. Associação entre responsabilidade filial no cuidado aos pais e sobrecarga dos cuidadores. **Rev. Bras. Enferm.** 70 (4). Jul-Aug 2017.

ALMEIDA, Maria Filipa Martins de. MESQUITA, Isabel Maria Marques. **A Culpa Escondida**: Uma leitura analítica da culpabilidade em filhos de idosos institucionalizados. Mestrado em Psicologia, Área de Especialização: Psicologia Clínica Dissertação. Universidade de Évora, 2018.

**Assembleia Geral da ONU**. (1948). "Declaração Universal dos Direitos Humanos" (217 [III] A).

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, pp.200-201
- BARATA, R. B et al. Classe Social: Conceitos e Esquemas Operacionais em Pesquisa em Saúde. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, n. 4, p. 647-55, 2013.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido, sobre a fragilidade dos laços humanos**. 1ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BEACHAMP, Tom. HCILDRESS, James. **Princípios de ética biomédica**. Edição 1. São Paulo: Loyola; 2002; 3:137-07.
- BRAGA, Pérola Melissa V. **Direitos do Idoso**. São Paulo: Quartier Latin, 2005.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Brasília; 2006. (**Cadernos de Atenção Básica**, n. 19).
- CARGNIN, Laísa. MURARI, Marília Bruna. SPONCHIADO, Laura Franco. AIRES, Marinês. Responsabilidade filial no cuidado aos pais idosos e a sobrecarga dos cuidadores. **Revista Brasileira De Ciências Do Envelhecimento Humano**,17(2). 2020.
- CARMONA, C, F. A experiência de solidão e a rede de apoio social de idosas. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 4, 2014.
- CHRISTIAN, D. L. **Creating a life Together: Practical Tools to grow Ecovillages and Intentional Communities**. Gabriola Island, Canada: New Society Publishers, 2003.
- DE BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 3.ed. Rio de Janeiro. Editora nova fronteira. 2018.
- DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1999.
- DURRET, Charles. **Senior Cohousing Study group 1, Aging Successfully**, pp. 78-79. McCamant&Durrett Architects, 2013. Nevada City. CA. USA.
- \_\_\_\_\_. **Creating Cohousing: Building sustainable communities**. 1ªed. Gabriola Island, Canada: New Society Publishers, 2011.
- DURRET, Charles. McCAMANT, Kathryn. **The senior cohousing handbook: A community approach to independent living**. 1ªed. Gabriola Island, Canada: New Society Publishers, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Cohousing: A contemporary approach to housing ourselves**. Berkeley, California: Ten Speed Press, 1994.
- Estatuto do idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. \_\_\_\_\_. Presidência da República.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Onde estão os idosos?** Conhecimento contra a Covid-19. Centro de Políticas Sociais. 2020. [Consult. 13 de Junho de 2021]. Disponível na Internet: <https://cps.fgv.br/covidage>

GAMA, Marta. **Expectativas de responsabilidade filial e orientação da responsabilidade no cuidado aos idosos.** Programa de Pós-Graduação em Saúde e Envelhecimento. Faculdade de Ciências Médicas - Universidade Nova de Lisboa; 2011.

GEIB, Lorena Teresinha Consalter. **Determinantes sociais da saúde do idoso.** Rev. Ciência & Saúde Coletiva, 17(1):123-133, 2012

GOLDENBERG, Mirian. **A Bela Velhice/** 1º ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

HAREVEN, T. K. The last stage: historical adulthood and old age. **Daedalus:** American Civilization: New Perspective, v. 105, n. 4, p.13-27, 1976.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas Sociais.**

**Agenda IBGE Notícias.** 2018. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017#:~:text=Os%204%C8%20milh%C3%B5es%20de,\(44%25%20do%20grupo\)>](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017#:~:text=Os%204%C8%20milh%C3%B5es%20de,(44%25%20do%20grupo)>). Acesso em : 25 de fevereiro de 2021.

IBGE, 2015, **Pesquisa nacional de saúde: 2013:** ciclos de vida: Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça.** [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011.

KALACHE, Alexandre. O mundo envelhece: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. **Rev. Cienc. Saúde coletiva** 13 (4). Agosto, 2008.

LUBOCHINSKI, L. A. **Co-lares, uma arquitetura para a longevidade:** Habitação e cidade para o envelhecimento digno. Portal Edições Envelhecimento 2. ed. São Paulo. 2018.

MANSO, Maria Elisa Gonzalez. Qualidade de vida e desigualdades no envelhecer. **Rev. Longeviver**, Ano III, n. 10, Abr./Mai/Jun. São Paulo, 2021.

MICHAELIS. “Ambiência” In **DICIONÁRIO DE LINGUA PORTUGUESA.** Disponível

em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ambi%C3%Aancia/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Ministério da Saúde. **Política (2008) Nacional de Humanização – HUMANIZASUS.** Documento de base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília.

MOHERDAUI, Júlia Horita. FERNANDES, Carmen Luiza Correa. SOARES, Konrad Gutterres. O que leva homens a se tornar cuidadores informais: um estudo qualitativo. **Rev Bras Med Fam Comunidade.** [periódico na Internet]. 2019 [acesso em 2020 Aug 25]; 14(41): 1-12. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1907>

MONTEIRO, Luzia Cristina Antoniossi. VAROTO, Vania Aparecida Gurian. SILVA, Nayara Mendes. FREIRE, Aldora Eugênia. A ambiência compoendo a moradia adequada para idosos de baixa renda. **Serviço Social e Sociedade**, v.20, n.1, p 175-196, 2017

MORAES, Alexandre de. **Direito constitucional**. 21<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas, 2007.

NEGRINI, E. L. D. et al. Quem são e como vivem os idosos que moram sozinhos no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. v.21 n.5, p. 552-550, 2018.

NICODEMO, D; GODOI, M. J. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. **Revista Ciência em Extensão**, v. 6, n. 1, p. 40-53, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. (2007). Plano Internacional sobre o envelhecimento-2002.(Arlene Santos, Trad.). Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) – Envelhecimento ativo. Um projeto de Política de Saúde: Madrid: OMS, 2005. [Consult. 13 de Fevereiro de 2021]. Disponível na Internet: URL:[http://www.crde-unati.uerj.br/doc\\_gov/destaque/Madri.doc](http://www.crde-unati.uerj.br/doc_gov/destaque/Madri.doc)

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) – Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. USA: OMS, 2015. [Consult. 3 de Junho de 2021]. Disponível na Internet: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO\\_FWC\\_ALC\\_15.01\\_por.pdf?sequence=6](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf?sequence=6)

OSORIO, Rafael Guerreiro. **A desigualdade racial no Brasil nas últimas três décadas**. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 2021.

PACHECO, Jaime Lisandro. Sobre a aposentadoria e envelhecimento. In PACHECO, J. L. et al. (Orgs.), **Tempo rio que arrebat**a, p. 59-73, Holambra, 2005.

PRIBERAM. “Ambiência” In: **DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA**. 2008-2013,

Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/AMBIENCIA>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

Política Nacional do Idoso: Lei 8.842 de 04/01/1994- Brasília: MPAS, SAS, 1997.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, 2002. p. 7-19. Quadrimestral. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto. IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, v. 25, n. 4, p. 585- 593,2008.

SCHUCH, Patrice. VICTORA, Ceres. SIQUEIRA, Monalisa Dias de. **Cuidado e controle na gestão da velhice em tempos de Covid-19**. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social –Rio de Janeiro – Reflexões na Pandemia 2020 –pp.1-14.

SCOTTHANSON, Chris; SCOTTHANSON, Kelly – *The Cohousing Handbook: Building a place for community*. 1ªed. Gabriola Island, Canada: **New Society Publishers**, 2004.

SILVA, Ana Carolina Lopes da. MINCACHE, Gisnelli Bataglia. ROSA, Maria Aparecida de Souza. MUTCHNIK, Vanessa Idargo. Sensações do morar e a concretização para idosos egressos de um albergue. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 13, n. 8, p. 169-193, 2010.

SIMÕES, Júlio Assis. “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SIQUEIRA, Monalisa Dias de. “**Vivendo bem até mais que 100!**” envelhecimento, saúde e políticas públicas para idosos no Brasil. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014.

SOUSA, Ana Maria Viola de. **Tutela jurídica do idoso**: a assistência e a convivência familiar. São Paulo: Alínea, 2004.

SOUSA, Neuciani Ferreira da Silva; MEDINA, Lhaís de Paula Barbosa; BASTOS, Tássia Fraga; MONTEIRO, Camila Nascimento; LIMA, Margareth Guimarães; BARROS, Marilisa Berté de Azevedo. Desigualdades sociais na prevalência de indicadores de envelhecimento ativo na população brasileira: Pesquisa Nacional de Saude: 2013. **Rev. Bras. Epidemiol.** ed. 22(Suppl 02). Out. 2019

TUAN, Yi-Fu. (1980). **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel.

**APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA  
MORADORES DE JOÃO PESSOA (PB)**

**Título do estudo: “ISSO AQUI É UM SONHO!” - Percepções e possibilidades acerca de moradias colaborativas destinadas à pessoa idosa no Brasil**

Pesquisador responsável: Taciane Gabriela Jeske

Instituição/Departamento: Programa de Pós-Graduação em Gerontologia – Universidade Federal de Santa Maria

Telefone e endereço postal completo: (55) 99151 3797. Rua Angelim, 470. Bairro Diácono João L. Pozzobom, nº 470. CEP: 97060-487 – Santa Maria – RS.

Local da coleta de dados: Condomínio Cidade Madura – João Pessoa/ PB

Eu Taciane Gabriela Jeske, responsável pela pesquisa “*Cohousing* – Novos Olhares para a moradia do idoso”, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende compreender as percepções de residentes e funcionários de uma *cohousing*, a respeito desse modelo de moradias para a longevidade, e ouvir as aspirações de idosos com intenção de residir nesse tipo de local, levando em consideração o interesse em implantá-las em outras cidades do Brasil.

Acreditamos que ela seja importante porque vai ouvir diferentes percepções sobre o modelo de moradia denominado “*cohousing*” já existente, visando a implementação destas habitações em outros locais do país. Para sua realização será feito o seguinte: Serão realizadas entrevistas individuais por aplicativos de mensagens instantâneas com moradores e funcionários, sobre o condomínio e sua rotina neste modelo de habitação e sua participação constará como entrevistado, respondendo alguns questionamentos sobre o local e sobre suas percepções sobre este tipo de habitação, lembrando que toda a entrevista será gravada e transcrita integralmente. A manutenção dos dados da pesquisa será em arquivo digital sob guarda do pesquisador responsável por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

É possível que aconteça algum desconforto emocional ao responder os questionamentos. Os benefícios que esperamos como estudo são conhecer as aspirações de quem já convive neste tipo de moradia, e se seria benéfica à população idosa a sua implementação em outros locais do país. Você estará auxiliando na busca pela melhoria de políticas públicas voltadas à habitação dos idosos. Esta pesquisa não oferece nenhum tipo de retorno financeiro.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o



### Comitê de Ética em Pesquisa.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada através do encaminhamento adequado ao Sistema Único de Saúde.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

### **Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

**APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA  
MORADORES DE SANTA MARIA (RS)**

Título do estudo: **“ISSO AQUI É UM SONHO!” - Percepções e possibilidades acerca de moradias colaborativas destinadas à pessoa idosa no Brasil**

Pesquisador responsável: Taciane Gabriela Jeske

Instituição/Departamento: Programa de Pós-Graduação em Gerontologia – Universidade Federal de Santa Maria

Telefone e endereço postal completo: (55) 99151 3797. Rua Angelim, 470. Bairro Diácono João L. Pozzobom, nº 470. CEP: 97060-487 – Santa Maria – RS.

Local da coleta de dados: Condomínio Cidade Madura – João Pessoa/ PB

Eu Taciane Gabriela Jeske, responsável pela pesquisa “*Cohousing* – Novos Olhares para a moradia do idoso”, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende compreender as percepções de residentes e funcionários de uma *cohousing*, a respeito desse modelo de moradias para a longevidade, e ouvir as aspirações de idosos com intenção de residir nesse tipo de local, levando em consideração o interesse em implantá-las em outras cidades do Brasil.

Acreditamos que ela seja importante porque vai ouvir diferentes percepções sobre o modelo de moradia denominado “*cohousing*” já existente, visando a implementação destas habitações em outros locais do país. Para sua realização será feito o seguinte: Serão realizadas entrevistas individuais por aplicativos de mensagens instantâneas com idealizadores e idosos, sobre suas aspirações quanto ao modelo de moradia colaborativa já mencionado, e sua participação constará como entrevistado, respondendo alguns questionamentos sobre o que você sabe sobre este tipo de habitação, lembrando que toda a entrevista será gravada e transcrita integralmente. A manutenção dos dados da pesquisa será em arquivo digital sob guarda do pesquisador responsável por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

É possível que aconteça algum desconforto emocional ao responder os questionamentos. Os benefícios que esperamos como estudo são conhecer as aspirações de quem já convive neste tipo de moradia, e se seria benéfica à população idosa a sua implementação em outros locais do país. Você estará auxiliando na busca pela melhoria de políticas públicas voltadas à habitação dos idosos. Esta pesquisa não oferece nenhum tipo de retorno financeiro.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir

qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada através do encaminhamento adequado ao Sistema Único de Saúde.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

### **Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

**APÊNDICE C: TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA MORADORES DE  
JOÃO PESSOA- PB**

Título do projeto: **“ISSO AQUI É UM SONHO!” - Percepções e possibilidades acerca de moradias colaborativas destinadas à pessoa idosa no Brasil**

Pesquisador responsável: Taciane Gabriela Jeske

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Gerontologia – Universidade Federal de Santa Maria

Telefone para contato: (55) 99151 3797

Local da coleta de dados: Aplicativos de mensagens instantâneas

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de entrevista semiestruturada, no Condomínio Cidade Madura – João Pessoa/ PB.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: Rua Angelim, 470. Bairro Diácono João Luiz Pozzobom. CEP 97060-487, Santa Maria – RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Taciane Gabriela Jeske. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 06/12/2020 , com o número de registro CAAE 39014420.6.0000.5346

Santa Maria,.....de .....de 20.....

.....  
Assinatura do pesquisador responsável

**APÊNDICE D: TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA MORADORES DE SANTA  
MARIA - RS**

Título do projeto: **“ISSO AQUI É UM SONHO!” - Percepções e possibilidades acerca de moradias colaborativas destinadas à pessoa idosa no Brasil**

Pesquisador responsável: Taciane Gabriela Jeske

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Gerontologia – Universidade Federal de Santa Maria

Telefone para contato: (55) 99151 3797

Local da coleta de dados: Aplicativos de Mensagens Instantâneas

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de entrevista semiestruturada.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: Rua Angelim, 470. Bairro Diácono João Luiz Pozzobom. CEP 97060-487, Santa Maria – RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Taciane Gabriela Jeske. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 06/12/2020 , com o número de registro CAAE 39014420.6.0000.5346

Santa Maria,.....de .....de 20.....

.....  
Assinatura do pesquisador responsável

**ANEXO A - ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A PESSOA QUE TROUXE A IDÉIA PARA SANTA MARIA (RS)**

1. Como surgiu a ideia das Cohousing para idosos em Santa Maria?
2. Como foi o processo de colocar a ideia em prática?
3. Como você pretende continuar inserida no projeto?
4. O que você espera da Cohousing, quando a mesma estiver concluída?
5. Em sua opinião, quais exigências devem cumprir os candidatos a ocupar uma das instalações da Cohousing de Santa Maria?
6. Há algo mais que você queira dizer em relação a sua ideia de Cohousing para idosos a ser implementado na cidade de Santa Maria-RS?

**ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O EMPRESÁRIO QUE  
PRETENDE EXECUTAR UM MODELO DE COHOUSING NA CIDADE DE SANTA  
MARIA (RS), SEM FINS LUCRATIVOS.**

1. Como a ideia das Cohousing para idosos em Santa Maria chegou ao senhor?
2. Por que decidiu investir no projeto dos lares colaborativos para idosos?
3. Como é o processo para colocar a ideia em prática?
4. Qual sua expectativa para a Cohousing quando estiver concluída?
5. Pretende fazer outros investimentos voltados exclusivamente para idosos?
6. O senhor acredita que esse modelo de moradia é viável em todo o País?

**ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM IDOSOS QUE DEMONSTRARAM  
INTERESSE EM VIVER EM UMA *COHOUSING***

1. O que você sabe sobre cohousing?
2. Qual sua opinião sobre a cidade ter uma Cohousing para idosos?
3. Por que você se interessou em residir em um lar colaborativo?
4. O que você acredita que mudaria em sua vida se morasse em uma Cohousing?
5. Você acredita que essa seja uma boa ideia de habitação para idosos? Por que ?



**ANEXO D – ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM IDOSOS DE  
JOÃO PESSOA (PB)**

1. Como você conheceu esse modelo de moradia?
2. Você residia com alguém antes de vir morar aqui? Com quem?
3. Por que você se interessou em residir em um lar colaborativo?
4. Você percebe mudanças na sua vida após residir no lar colaborativo? Quais?
5. Quais são as atividades do seu dia a dia, como residente?
6. Como é sua relação com seus vizinhos?
7. Como é sua relação com sua família?
8. O que esse condomínio significa para você?
9. Você acredita que essa seja uma boa ideia de habitação para idosos de todo o país? Por que?

**ANEXO E – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS FUNCIONÁRIOS DA COHOUSING  
EM JOÃO PESSOA (PB)**

1. Por que você se interessou em trabalhar em um lar colaborativo?
2. Como você descreveria seu local de trabalho e suas funções?
3. Como é a rotina do condomínio?
4. Como é sua relação com os moradores?
5. O que mais lhe chama atenção neste local?
6. Lembra de algum acontecimento que tenha lhe marcado de alguma maneira?
7. Você acredita que essa seja uma boa ideia de habitação para idosos de todo o país? Por que?